BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME LVII)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

VOL. XI

ESCRIPTORIO
147=Rua dos Retrozeiros=147
LISBOA

1908

RELAÇAM

DO SUCCESSO,

QUE TEVE O PATACHO CHAMADO

N. S.^RA DA CANDELARIA

da ilha da Madeira,

O qual vindo da Costa de Guiné no anno de 1693. huma rigorosa tempestade o fez varar na

Ilha incognita

que deixou escrita

Francisco Correa

Mestre do mesmo Patacho, e se achou no anno de 1699. depois da sua morte. Trasladada fielmente do proprio original.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Impressor da Religião de Malta.

Anno MDCCXXXIV.

Com todas as licenças necessarias.

Depois que fizemos os nossos resgates na Costa de Guiné, com vento favoravel, avistámos as Ilhas de Cabo Verde, e nesta altura repentinamente nos vimos cobertos de uma nevoa escura, de tal modo, que os companheiros nos não conheciamos; e como nestas parages se não estranha esta cerração, nos deixamos levar da corrente das aguas, ainda que nesta occasião começavam os ventos a soprar diversamente. A breve espaço sentimos que as aguas se moviam com um impetuoso vaivem, e logo fuzilando os ares, foi tal a chuva, e o repellão dos ventos, que sem governo atiraram comnosco por taes partes, que não discorremos outra cousa mais, que o procurar salvar as Almas.

O Traquete, e a Mezena voaram, o leme se arrancou, e fazendo agua a embarcação por todas as partes, sem que a podessemos segar, quinze companheiros, que eramos, trabalhámos em formar uma jangada, para nos entregarmos ás ondas, procurando dilatar a vida, pois na embarcação tinhamos certamente a morte perto. Lutamos toda a noite com todos os elementos; o ar se via abrazado para a parte do estibordo, e tantos raios e coriscos despedia, que as aguas se abrazavam; os ventos eram tão fortes, que pareciam desuniam a terra, e que repartida

em partes se arrojava sem ordem com furioso impulso por partes muito remotas; as ondas verdenegras se encapellavam, e abrazadas com a multidão do fogo que cahia do ar, se abriam raivosamente para tragarem, e cozerem nas suas fundas entranhas o nosso triste baixel; a terra, é que era todo o nosso cuidado, para ao menos salvarmos as vidas.

Amanheceu, sem que soubessemos a altura em que estavamos, e desfeita a cerração, para a parte do Leste, descubrimos ao longe, em distancia de quasi duas leguas umas montanhas, ao que parecia coroadas de arvoredos. Como não tinhamos governo, a não demandámos, mas deixando-nos levar da corrente em pouco tempo, varou o patacho em terra; em que todos saltámos, dando graças a Deus, por nos livrar do passado naufragio.

Tratámos logo de salvar a fazenda, e para reparar a embarcação cortámos madeira, applicando-nos com cuidado, para nos retirarmos, por entendermos ser terra de cafres, e fugirmos do perigo, que muitos tinham experimentado nestas parages em occasiões semelhantes.

No tempo que os companheiros tratavam do reparo da embarcação, eu, e Manuel Antunes, e João de Arruda preparámos os escabuzes, e rompendo o mato, por uma e outra parte, por ver se acaso descubriamos rasto de gente, e caça para comermos; notámos que a terra era ilhada, habitada de Aves, e Monstros, e abundante de viveres, que a Natureza liberalmente produzia, sem beneficio de lavradores. Mono vimos, que tinha como oito palmos de altura, e com dentes de quatro dedos; tiramos-lhe com bala, sem que lhe fizesse impressão; antes subindo-se a uma arvore, se poz a fazer acções indecentes; Cobra vimos, que tinha a grossura de um pipote de oito al-

mudes; e fazia tal ruido, que nos deu em que cuidar, por nos vermos sem balas para a defença, se nos investisse. Trouxemos caça, e frutas, e arroz bastante para satisfazer totalmente a fome, em tres para quatro horas, que andámos, sem encontrar creatura racional.

Comemos alegremente, sem que já nos lembrassem os perigos em que nos vimos; e sem o susto, de que a Ilha fosse habitada de gentes, que nos dessem algum cuidado.

Trabalhou-se todo o dia, e deixando vigias, descançámos; e na manhã seguinte, que se contavam sete d'Agosto, ainda mal se divisava a luz, quando vimos sahir das aguas uma mulher marinha, e com tanta ligeireza entrou na terra, e subiu ao monte, que não tiveram todos os companheiros o gosto de a verem. Tinha todas as perfeições até á cinta, que se discorrem na mais fermosa, e sómente a desfeavam as grandes orelhas que tinha, pois lhe chegavam abaixo dos hombros, e quando as levantava, lhe subiam a distancia de mais de meio palmo por cima da cabeça. Da cinta para baixo toda estava coberta de escamas, e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas. Tanto que se vio no monte, presentindo ser vista, deu taes berros, que estremecia a Ilha, pelo retumbo dos eccos; e sahiram tantos animaes, e de tão diversas castas, que nos causou muito medo. Arrojou-se finalmente ao mar pela outra parte com tal impeto, que sentimos nas aguas a sua vehemencia.

Todos se assustaram, menos eu, pois já tinha visto outra no Cabo de Gué; e tinha perdido o medo com outras semelhantes apparições; e me lembra, que junto a Tenarife vi um homem marinho de tão horrendo feitio, que parecia o mesmo Demonio. Tinha

sómente a apparencia de homem na cara, na cabeça não tinha cabellos, mas uma armação, como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a côr era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a boca rasgada de orelha a orelha, e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi, e o corpo coberto de escamas, mais duras que conchas. Uma tempestade o lançou em terra, e taes bramidos deu, que entre elles espirou, e para memoria se mandou copiar a sua fórma, e se conserva na casa da Cidade daquella Ilha.

Continuámos na caça, para nos alimentarmos, e aos que trabalhavam; quando no terceiro dia, que se contavam oito d'Agosto, avançando mais ao interior da Ilha, avistámos um monte, e delle ouvimos uma voz que dizia: — *Portugal, Castella; Portugal, Castella.* Olhámos a todas as partes, sem vêr quem articulava as vozes que ouviamos, e continuavam: — *Portugal, Castella; Portugal, Castella.* Preparadas as armas, rompemos mato, e subimos á montanha, seguindo as vozes, e em uma concavidade natural, vimos um veneravel homem, em vestido humilde, que nos chamou, e chegando nós com as armas dispostas para qualquer successo, nos fallou desta maneira, pondo-se de joelhos, e beijando a terra:

«Graças a Deus, Senhor; infinitas graças vos dou, por me chegares a tempo, depois de tantos annos, em que eu visse gente de Europa»; e logo olhando gravemente, e cortez para nós, disse:

«Senhores, de que nação sois?» Nós pasmados, não acertavamos a responder; e conhecendo elle o nosso susto, nos animou brandamente, rogando-nos

para a sua pobre habitação, adonde entrámos, e sentados em um tosco páu, nos fallou com taes palavras :

«Senhores, sois Portuguezes, ou Castelhanos? Respondei sem susto, que não tendes, quem nesta Ilha se opponha aos vossos disignios. Se me procurais, para acabar com a minha vida, aqui me achais sem resistencia, e sem defença mais que a de Deus ; e como de tanto viver estou aborrecido, grande favor me fazeis em me aliviares de tão grande penalidade ».

Eu, que respeitava a sua pessoa, desejando satisfazer á sua pergunta, o certifiquei, de que eramos Portuguezes, que arribaramos com um grande temporal áquella Ilha : do que, tanto que me ouviu, posto de joelhos, levantadas as mãos, pondo os olhos no Ceo, soltando as lagrimas, deu graças a Deus, dizendo: «Ah bom Deus, quam grande é a vossa infinita Providencia !» E levantando-se nos abraçou, e saudou, dizendo : «Meus Portuguezes, meus Portuguezes»; sem que as lagrimas cessassem : e levando-nos para o interior da cova, nos fez sentar junto a si, perguntando-me pelos Companheiros, e pelo nosso infausto successo, de que lhe demos larga conta. Perguntou-nos quem reinava em Hespanha, e sabendo que em Castella reinava Carlos segundo, e em Portugal D. Pedro segundo, suspirando com alvoroço, disse: «E Portugal tem Rei ! Oh Deus immenso, que te lembraste do teu Reino !»

E dizendo-lhe nós como fôra acclamado El-Rei D. João quarto, e os milagrosos successos daquelle dia, não cessava de mostrar o gozo, que interiormente sentia : e logo repetindo novas lagrimas, suspiros,

e solluços, nos perguntou pela Conquista de Africa, ao que respondemos dando-lhe conta do que sabiamos, e como desde a batalha, que perdera El-Rei D. Sebastião, se não continuara, tomando-se horror a tal terra: e desejosos nós de sabermos com quem tratavamos, lhe pedimos nos consolasse, dizendo-nos quem o levara áquella Ilha incognita, e não arrumada nas Cartas, e Roteiros; ao que satisfez com taes palavras.

No tempo, que Filippe segundo entrou com violencia em Portugal, se retirou muita gente, por não vêr o seu Reino, recuperado das mãos dos Mouros pelos nossos ascendentes, sem ajuda dos vizinhos, sogeito a Principe estranho. Muito tempo andei retirado, discorrendo pelo interior de Africa, passei a Palestina, e outras terras, tendo tantos trabalhos por muito suaves, na consideração, de não vêr com os meus olhos o quanto padeciam os meus naturaes; e passados alguns annos, passando á Europa, cahi nas suas mãos; e entregando-me a certos homens, me levaram a uma embarcação na Bahia de Cadiz, que promptamente se fez á vella. Tinha o Cabo ordem particular para que em certa altura me lançassem ao mar, sem que me ouvisse, nem me deixasse fallar; e notando elle as minhas acções, e innocencia, suspendeu a execução; até que na altura de Cabo Verde, me intimou a ordem com tanto pezar, que bem entendi o desejo que tinha de me favorecer. Preparou-se uma lancha, o melhor que se pôde, e nella se poz mantimento para tres dias. Entrou logo a animar-me, exortando-me a que confiasse em Deus, que me poderia livrar do perigo, a que me haviam de expor; e me mandaram baixar á lancha, o que não quiz executar, sem me confessar, e me preparar espiritualmente para entregar a alma a Deus; que tudo se me conce-

deu; e tanto que baixei, cortaram o cabo, e me entregaram á disposição das ondas. Não perdi o animo, antes constante soffri este golpe, esperando que Deus olhasse para a minha causa; e nadando a lancha livremente, na manhã seguinte de quatro de Outubro, cheguei por acaso a esta Ilha, em que habito sem que no discurso de tantos annos visse alguma creatura racional. Penetrei o interior, encontrando a piedade nos brutos, que não experimentei nos homens; e encontrei esta concavidade, que a Natureza devia ter obrado para meu abrigo. Aqui me recolhi, aqui tenho passado tantos annos, sustentando-me com datiles, e outras frutas. Vivo, e não sei para o que vivo; Deus o sabe para que. Compadecemo-nos todos da sua solidão; e o rogámos para decer, e nos fazer companhia pelos dias que alli estivessemos, o que difficultosamente conseguimos.

Recolhemo-nos todos, e tanto que os companheiros viram o novo hospede se alegráram muito; representava elle um aspecto senhoril, entre grave, e brando, em idade pouco mais ou menos de vinte e cinco até trinta annos. As suas palavras todas eram santas, o animo guerreiro, e soffrido. Quinze dias nos detivemos no reparo da embarcação, depois que elle chegou á nossa companhia, e nos ajudava, ordenando o que se havia de fazer, com tal suavidade, que não sentiamos o trabalho; não cessando de suspirar todas as vezes que fazia particular reflexão em algum de nós. Mostrava ardente desejo da conquista d'Africa; e sempre rezava pelos que tinham falecido nesta demanda. O viver tantos annos attribuia á clemencia dos ares daquella Ilha, em que nunca padecera molestia; e aos que se admiravam de tanta saude, e de tanta vida sempre com o mesmo semblante, dizia:

Deus que me livrou de tantos perigos me sustenta; elle sabe o para que.

Carregámos a embarcação, e o convidámos a que viesse com nosco para o Reino, desejozos de o tirar daquella solidão, e de que se visse em Europa um tal prodigio; porém elle encarecidamente nos pedio com as lagrimas nos olhos que o não precisassemos a tal jornada, pois não chegara ainda o tempo de passar a Portugal; que pelo amor que nos tinha, o lançassemos, terra firme, em qualquer parte de Africa; e que debaixo da palavra que lhe haviamos de dar como Portuguezes partiria com nosco; o que lhe jurámos.

Perguntamos-lhe se tinha alguma cousa na sua cova, que embarcasse, e respondeu, que desde que nella entrára não cuidára mais que viver para Deus; e que todos os annos lavrava por suas mãos uma tunica de folhas de palma, para cubrir honestamente o corpo; na cova não tinha mais que uma Cruz, que por suas mãos fizera de madeira; e que essa deixassem, para que naquella terra ficasse o signal da nossa Redempção; e quando ella se povoasse nos tempos futuros se acharia tambem a noticia do seu habitador.

Embarcou-se com nosco, beijando a terra, com muitas lagrimas; fazendo-nos á vella, esteve em nossa companhia dois dias e meio, em que nos contava monstruosidades daquella Ilha; e satisfazendo ao seu pedimento o lançámos em terra duas leguas distante de Arguim, expondo-lhe os perigos a que se expunha, sem que o pudessemos persuadir a suspender o desembarque em terra de Barbaros; ao que respondia, que Deus que o conservara até aquelle tempo, o livraria de todos os perigos.

Despediu-se de nós com tantas lagrimas, e gosto, que bem mostrava as saudades que de nós levava, e o quanto se alegrava de passar áquella terra. Abraçou-nos a todos, e saltando em terra, a beijou, e levantando as mãos agradeceu a Deus as mercês que lhe fizera, e esperava receber da sua piedosa mão; e penetrando aquella Costa inculta, nos deixou sentidos pela falta da sua companhia.

Jámais podemos alcançar o sabermos delle a sua patria, e nome; divertindo a resposta politicamente com tanta gravidade, que nos não dava confiança para instarmos; e sómente ao despedir-me disse, que a seu tempo o saberiam os nossos descendentes; e dizendo-lhe eu nos consolasse ao menos declarando o tempo, nos disse que Deus o sabia.

Varios discursos fizemos sobre este homem, conservado por tantos annos naquella Ilha, e agora caminhando por taes desertos, e nos porsuadimos ser cousa maior. Deus o leve, e traga a salvamento.

Esta Relação, que alguns curiosos guardam ambiciosamente, se publica para que chegue a todos noticia tão particular, e se castigue deste modo a avareza dos que occultam semelhantes memorias. E o ser fielmente trasladada do original o juro aos Santos Evangelhos.

FIM

NAUFRAGIO
CARMELITANO
OU
RELAÇAÕ

DO NOTAVEL SUCCESSO, QUE ACONTECEO

Aos Padres Missionarios Carmelitas Descalços na viagem, que faziaõ para o Reyno de Angola no anno de 1749. Refere-se o como foraõ captivos pelos Negros de Guiné, e os usos, e costumes, que naquelle Gentilismo viraõ observar; trata-se dos trabalhos, que padeceraõ no tempo do captiveiro, e os meyos que tiveraõ para o seu resgate.

Dada a luz por

CAETANO JOSEPH DA ROCHA E MELLO,

Bacharel formado na faculdade de Canones pela Universidade de Coimbra.

LISBOA:
Na Officin. De Manoel Soares.
Anno de 1750.
Com todas as licenças necessarias.

NA segunda Oitava da Pascoa, aos 8 de Abril do anno de 1749 se embarcaram no Porto desta Cidade de Lisboa para o Reino de Congo em Angola, no Navio o Bom Jesus da Pedra, e S. Rita, de que era Capitão Joseph Mendez Couceiro, os Padres Missionarios Carmelitas Descalços, indo por Prior o Padre Fr. Caetano de S. Thomaz, natural de Milheiroz, termo da Villa da Feira, e seu Superior o Padre Fr. João de S. Anna, natural de Ribadul, Bispado do Porto, com os Padres Fr. Francisco Xavier de S. Joseph, natural de Castrodaire, e Fr. Domingos de Santiago, natural de Madail, termo da Feira, e dous Irmãos Donados: o Irmão Manuel de S. Joseph, natural de Villanova de Mansarros, e o Irmão Manuel da Santa Maria, natural de Macinhata, termo da Feira.

Mandava a Santa Obediencia a estes embaixadores do Evangelho, exemplares na vida, e doutrina, para que com o sangue, e com a palavra limpassem dos cardos da infedilidade a cega ignorancia do Gentilismo. No principio logo desta viagem lhes mostrou o mar sua inconstancia; porque lançando ferro em Bethlem, com o desenho de sahirem acompanhados das Naus da India, e de outro Navio, que tambem ia para Angola, de repente se levantou uma tão fu-

riosa tempestade, que quebrando a amarra ao Navio, o pôs em risco de naufragar. Serenou-se a tormenta, e depois de alguns dias, que naquelle sitio se demoraram, aos 19 do mesmo mez sahiram pela Barra fóra, acompanhados das ditas Naus, que logo tomaram diverso rumo; e porque tinham ventos de servir, em poucos dias surcaram a altura da Ilha da Madeira, aonde avistaram uma embarcação, que, por se vir furtando á nossa pelo barlavento, julgavam era de Mouros: persegui-os por algum tempo, e vendo se lhe havia apropinquado, amoderentados de um não panico temor, se consideravam já quasi reduzidos ao deploravel estado do captiveiro. Um dos Padres Missionarios revestindo as armas invenciveis da fé, e esperança em Deus, procurou animar a todos, e os exhortou, a que implorassem o Divino auxilio (seria caso, mas pareceu milagre;) porque fazendo-se a embarcação na volta do mar, seguiu differente derrota, deixando-os tão alentados, que em seus animos, não pode occupar o medo o menor logar.

Desta, que todos tiveram por liberdade inestimavel, se seguiu o pedirem no dia seguinte o Sagrado Escapulario de N. Santissima Mãi, e universal Protectera a Senhora do Carmo, todos os que ainda não haviam recebido esta preciosa prenda, em que se dá incomparavel singularidade, de merecer haver-se fábricado no Empyreo, donde pela mesma Senhora foi conduzida, para enriquecer a Militante Igreja, como armas, que por virem da Triumphante, em todos os seculos serão victoriosas.

Assim foram navegando com tempos favoraveis, até que lhe entraram os infaustos na costa de Guiné; porque, contavam-se já 5 de Maio, quando pelas 4 horas da manhã indo o Navio com todo o panno, tocou em um banco de arêa na boca do Rio, a que

chamam Caça Mansa, e os negros o nomeiam Caça Maça, em 13 para 14 graus de altura, sendo aquelles mares na opinião do Piloto limpos, e aonde a carta lhe não indiciava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte innopinadamente: as horas, e o temor accrescentavam o perigo: cada um cuidava em lançar mão de taboa da penitencia; não se ouvindo outras vozes, mais do que confissão, confissão, como reconhecendo se engano, que em todos os naufragios temporaes se encontra nesta o seguro porto da salvação. Acudiram os Padres Missionarios a este piedoso exercicio, obrando todos os mais, a que o temor dava lugar, e que pedia aquella hora, que tinham por ultima; pois o Navio cada vez mais se ia soçobrando.

Sobe o Capitão acima, manda aos mariantes afferrar o panno para sordir sobre a vaga; mas a estes acha occupados em lançar lancha fóra; e metendo-se com effeito alguns nella, se puzeram em retirada. Ficou toda a mais gente no Navio, uns alijando fazendas ao mar, outros rebatendo a aguada, e juntamente rogando com as mais ternas vozes aos da lancha, os não desamparassem, deixando-os em tão evidente perigo: estes não com menos efficacia lhes supplicavam algum soccorro de biscouto. E nesta tão confusa e trabalhosa tragedia gastariam o espaço de hora e meia, quando entre o crepusculo do dia foram descobrindo terra, com que animados, criaram novos corações; participaram esta boa nova aos mariantes da lancha, repetindo-lhes as supplicas, para que chegassem com ella ao Navio, que ia subindo o banco de forma, que nem já as mesmas ondas lhe causavam abalo.

Neste tão apertado conflicto emprehenderam uma facção grande no perigo, qual foi fabricarem uma

jangada mui pouco segura; o que vendo os marinheiros da lancha, chegaram ao Navio, e nella não poderam receber mais que tres Padres Missionarios com grande trabalho, e maior risco; pois lançando-se um impetuosamente á dita lancha, ficou muito mal tratado, e outras muitas pessoas cahiram no mar, donde com effeito as tiraram para a lancha, e algumas para o Navio: atirando-se um a uma ponta da jangada, a voltou com os mais, ficando todos debaixo d'agua, a que acudindo os que poderam, a tornaram a voltar, sem que perecesse algum. Prenderam a jangada com um cabo á lancha, desta sorte demandaram a terra com tanto trabalho, quanto não pode dizer-se, animando aos poucos que ficavam no Navio com a esperança de que chegando a terra voltariam a busca-los.

Estariam desviados de terra vinte braças, quando de repente começaram a apparecer-lhes quantidade de Negros em a praia, e pelos sinaes, e outras demonstrações, que nelles divisavam, se persuadiam a que eram de paz; estes os vieram tirar em braços, metendo-se ao mar em altura, que a agua lhe dava pelos peitos. Chegados que foram a terra, os obrigaram a pôr de joelhos, dando-lhes a mão a beijar, e pelas acções que faziam, vieram a entender, que lhes mandavam lançar arêa sobre a cabeça; e vendo os naufragantes, que lhes não era possivel a fugida, menos a resistencia, assim o executaram: logo os despiram, e a alguns os fizeram descalçar; aos que renitiam, os obrigavam com a acção de maltrata-los com os traçados, que traziam, com os quaes fizeram a lancha em pedaços, privando-os do soccorro, que haviam promettido os do Navio. Executadas estas barbaridades, os levaram com violencia ao interior de um arvoredo, e passado elle, os fizeram atraves-

sar um rio a pé, dando-lhes a agua pela cintura; levados a distancia de meia legoa, ahi os repartiram pelas principaes, dando a cada um o que julgavam havia merecido na preza.

Aqui repetiam os clamores, e renovavam as lagrimas, vendo-se separar uns dos outros, experimentando, o que recusava esta separação, o castigo mais atroz, e a pena mais cruel: viam frustrados os primeiros signaes de paz, e por isso perdendo a esperança á vida, se despediam, julgando, que já mais se haviam de vêr.

Separados uns dos outros, continuaram sua marcha cada um com a preza, que lhe cahira por sorte; aos que não podiam caminhar, quanto a sua crueldade queria, os picavam com as azagaias, que são uns instrumentos a modo de lanças dizendo-lhes: *Besse, besse*, vocabulo, que entre elles quer dizer andar de pressa. Das brenhas sahia grande multidão de Barbaros, dando-lhes a mão a beijar, e fazendo-lhes diante varias carrancas, e vizagens: já lançando-lhes terra sobre a cabeça, já levantando algazarras; e desta maneira os levaram á povoação, introduzindo-os nas suas sanzallas, que são em fórma de caracol, cobertas de terra, e sobre cobertas de palha de arroz, umas pegadas em as outras em circuito, de sorte que todos os parentes ficam visinhos: o pavimento de cada uma terá de largura 5 palmos, as portas dous e meio, e de altura quatro. Desta forma se compõe a povoação chamada *Jambarem*. Encerrados alli os captivos, lhes fecharam a porta do pateo, aonde concorriam os Negros levados da curiosidade de os verem: para o que furavam as sanzallas por varias partes.

Seriam 4 horas da tarde, quando lhe trouxeram para comer arroz cosido com peixe podre, que he entre elles o mantimento usual, secando o peixe ao

sol com escama, tripas e guelras, deixando-o apodrecer, primeiro que o comam: a grande necessidade, em que se achavam, vencia a nauzea, e repugnancia, que lhes causava tão ascorosa vianda. Acabando de comer, os passaram a outro sitio, porque a multidão ainda continuava com o desejo de os vêr, e á noite os conduziram á primeira paragem. Aqui se lhes representou a mais verdadeira imagem da morte, porque acharam de novo nove cepos, ou piloens, e aos Barbaros sobre maneira adereçados com alfanges, e traçados, que julgavam era para os degollar. Choravam uns, lamentavam outros sua desventura, até que vendo-os atemorizados, os levaram a sitio diverso, aonde passaram a noite deitados na terra. Todas estas calamidades experimentavam o Padre Prior, e mais dez companheiros, que tocaram a esta repartição, padecendo os mais, que se achavam divididos outras similhantes crueldades.

Em quanto se passavam estas cousas, no dia seguinte do seu captiveiro se lhes offereceo á vista o Irmão Manuel de Santa Maria, que tinha ficado em o Navio com os Padres Fr. Francisco Xavier de S. Joseph, Fr. Domingos de Santiago, e seis pessoas mais; cauzou-lhes incomparavel alegria a sua chegada, mas enchêos de compaixão o vê-lo tão mal tratado; pois só trazia o Sagrado Escapulario sobre uma camisa, havendo-lhe tirado os Barbaros todo o mais vestuario. Desejos de saberem o que lhes havia acontecido, delle alcançaram, que vendo, que o Navio instantaneamente se estava arruinando por um, e outro bordo, e que lhes faltava o promittido soccorro da lancha, armaram outra jangada, atando uma barrica em cada um dos quatro cantos, e lançando-se nella á cortezia das ondas; como o fluxo, e refluxo dellas era tão impetuoso, a pouco espaço se hia desfazendo,

e que da tal jangada tinha cahido o Padre Fr. Francisco Xavier de S. Joseph, que andando a braços com os mares, viera a perder a vida. E disse mais que andaram errando a uma e outra parte por tempo de 16 horas, sem poderem tomar terra, o que com excessivo trabalho chegaram a conseguir depois da meia noite; e esperando na praia, que amanhecesse, ainda não era dia claro, quando deram com elles os Negros, e que finalmente os levaram por força para a mesma povoação, tratando-os com aquella deshomanidade, que da sua tyrannia se pode colligir.

Com esta fortuita occasião poderam saber uns dos outros ; mas para se visitarem, era preciso licença dos seus Maiores, que alcançavam com muita difficuldade, e sahiam sempre acompanhados de uma numerosa comitiva. He tal a barbaridade daquella gente, que adornam os seus Pagodes com caveiras de jumentos, bois, e outras simiihantes ridicularias, que só olhar para ellas causa um grande horror : são estas fabricadas de barro a modo de nicho, e em cada uma dellas está todas a manhãas um Negro a urrar continuamente como boi, a cujos eccos acodem cobras, e outras diversidades de bichos, de que dão testemunho os mesmos captivos, que os viam aquellas horas, e naquelles sitios, não os encontrando em outros da mesma povoação.

Matando um Padre Missionario uma cobra destas os Barbaros se mostraram notavelmente sentidos, e começando a uivar como cães, appareceu logo um bando de aves maiores, mas da côr de corvos, e lançando-lha ao ar, a levaram nas unhas. Tem cada um tantas mulheres, quantos são os bois, que possue, levando elles um em seu dote, e ellas uma vacca. Apenas nascem os filhos, os levam as mãis a um destes Pagodes, aonde está o referido Negro, e appresentan-

do-lho em seus braços, lhe faz varias cerimonias com a ponta de um boi sobre a cabeça do recemnascido, e depois destas e de outras ridiculas expiações, lho torna a entregar.

Quando morre algum destes gentios, anda uma Negra uivando pela povoação, para signal de que ha defunto, ao qual fazem um tablado de 8 para 9 palmos de altura, em cada canto pregam-lhe um pau mais comprido, cuberto com uns pannos de alto a baixo, e sobre o tabernaculo põem-lhe um banco cercado de pontas de boi; sentado nelle o defunto, o apertam com um panno vermelho; põem-lhe duas das referidas pontas debaixo das curvas das pernas, duas á cinta, e duas ao pescoço, e prendem-lhe uma cábra junta aos pés, e ao lado esquerdo lhe está uma Negra chorando, e fallando ao ouvido. Vão-se ajuntando todos os Negros, e Negras da povoação, aquelles com azagaias, e estas com uns cutelos de páo; ordenam-se em duas fileiras, e lhe dançam diante, uns rindo, outros chorando, e outros tocando tambores; estes fogem do cadaver; aquelles se chegam para elle, e lhe offerecem arroz, e palhas do mesmo; e assim continuam até á tarde, que o põem debruçado sobre uns páos armados em forma de alçapação ornado de pannos, e pontas de boi, pondo-lhe duas juntas ao rosto, e duas azagaias, e os pés estribados em um andor, de que pegam logo quatro negros, e andam a dançar com o morto por tempo mais de uma hora, estando um a pregar com uma cabra preza a uma perna, á qual depois cortam a cabeça por sacrificio. Com o mesmo morto vão pelas cazas dos parentes, os quaes tambem lhe offerecem uns cabras, e outros cães, e frangos, que lhe sacrificam, fazendo-se-lhe uma pregação em cada uma das cazas.

Acabadas estas gentilicas ceremonias, tratam de

o enterrar em uma cova alta, de sorte que fique em pé o corpo, e nos 8 dias seguintes á morte estão á porta do defunto quatro Negras de dia, e de noite a chorar, dirigindo-se esta demonstração funebre a pedir-lhe boa colheita de arroz. Se era cazado, sua mulher faz esta deligencia sobre a sepultura, tocando-lhe um tambor.

Os mantimentos, de que estes Barbaros usam, são arroz, frutas silvestres, cães, que cevam em caza, e os comem com pelle, cabellos e tripas: a terra é abundante de gados, como são bois, vaccas, cabras: os porcos, e gallinhas são em menos quantidade, e os vão trocar a outra povoação chamada de Barreiras, distante 6 legoas, por ferros, e misanga, que são uns buzios pequenos, e contas, que é a moeda que entre elles corre.

Passados quatro dias de captiveiro, começaram a apparecer na praia as fazendas, que ievava o Navio, e entre ellas um rico ornamento de seda de ouro, que os Padres Missionarios levavam para a sua Igreja; com este se cobriam os Negros, e Negras com grande demonstração de allegria, por se verem tão enfeitados, de cuja indecencia resultou aos Padres um inconsolavel desprazer.

Aos 8 dias entraram a enfermar alguns dos captivos, e dos Religiosos o P. Fr. Domingos de Santiago e o Irmão Manuel de Santa Maria, causando lastima grande o máo trato, que tinham, pois não se lhes dava outra couza mais do que arroz cozido sem outro beneficio. Desta enfermidade, que chegou a malina, falleceo o dito Irmão Manuel com notavel consolação, de que morria padecendo por seu Senhor as tyranias daquelle Gentilismo. Encommendaram-no como é uso Christão, e Religioso, e não lhes permittindo mais assistencia os guardas, o conduziram

para as sanzallas dos seus Maioraes, acompanhando-os o sentimento de não lhes deixarem enterrar o corpo.

Experimentaram tambem no tempo do captiveiro a perseguição de uns bichos do tamanho de tramoços, que os mordiam de noite, e destas mordeduras se geravam em a carne outros da mesma especie, e grandeza. Em meio de tantos trabalhos, e perseguições tão grandes, como padeciam cada dia entre os Barbaros, sem que o podessem descobrir para a sua liberdade, lhes acudio Deos com a inspiração, e com a luz para buscarem o remedio. Chamaram a um Negro, enviaram-no ao lugar de Barreiras a buscar um lingua, que pôde ir a Cacheu tratar do seu resgate. Veio este, e fallando com os captivos, motivou lhes grande allegria o entenderem-se, com que poderam dar principio a sua redempção.

Pedio-lhes o lingoa Cartas para o Capitão mór de Cacheu, e Nicolau de Pinna, que haviam de ser os Redemptores; pôde descobrir um tinteiro, que os mesmos Barbaros haviam achado na praia, e com carvão moido, e sumo de limão fizeram tinta, com que escrevendo nas costas de uma carta, por não terem mais commodidade, satisfizeram, ao que o lingoa lhes pedia, e sabendo este dos Maioraes, em cujo poder se achavam os captivos, o que havia de pedir por cada um, se partio para Cacheu.

Eram já passadas tres semanas depois da partida do lingoa, e vendo que as perseguições e trabalhos cresciam, sem que chegasse noticia alguma favoravel a sua liberdade, occuparam-se com o pensamento, de que os Barbaros os haviam enganado, mostrando-se já alguns desesperados de conseguirem o remedio. Acudio o Padre Prior a persuadir-lhes, que tivessem animo, e pozessem em Deos toda a esperança, exhortando-os, a que fizessem uma nove-

na a Santo Antonio, e para lhes darem principio, se prevenissem com o Sacramento da penitencia. Assim o executaram, e principiando a novena ao Santo, logo sentiram a consolação do Ceo, como fruto das suas deprecações, pois havendo sahido deste santo exercicio, se chegou aos dez que estavam com o Padre Prior, um Negro desconhecido, e abraçando-os, lhes disse com muita allegria : *A Deos Camaradas, allegrar, allegrar, que lá vem Jan-Carrama com ferros, pannos, e mais fazendas, para vos resgatar;* e perguntando lhe aonde o vira, respondeo que vinha já a Bolór, e assim se despedio, sem que soubessem quem era, nem o tornassem a ver.

Grandemente se allegraram com esta feliz nova, com que se persuadiram alguns ser o mesmo Santo Antonio nesta figura, quem lha havia trazido, pois averiguando, que de Bolór a *Jambarem*, aonde estavam os Captivos, eram 18 legoas, e era impossivel o caminha-las em uma noite, e meio dia, menos não sendo mandado a esse fim, nem constar, que viesse a outro algum negocio. Passados 3 dias, se derramou uma voz pela povoação, de que estava chegado o seu resgate. Dobraram-se-lhes as guardas, e logo partiu para a praia grande multidão de Barbaros, onde se deram 3 tiros em sinal de paz, e *Jan-Carrama* se veio para a povoação acompanhado de um Negro. Primeiramente foi vizitar aos captivos, e logo naquella tarde tratou do resgate com os Maioraes, e com estes se partio de madrugada para a praia fallar com o Redemptor ; alli determinaram se viessem buscar os captivos. Nesta conducção ainda se lhes representaram os affectos, de que o temor se reveste ; pois não lhes faltou, que padecer, muito mais os enfermos, que chegaram a pedir confissão, sentindo-se mortaes com os tormentos, que haviam padecido, não

consentindo os conductores, que em duas legoas de caminho descançassem, nem por um instante, a que accrescia o insoffrivel calor, com que os affligia o Sol.

Chegaram em tão miseravel estado á presença do Redemptor Duarte Rodrigues Joseph, natural desta Cidade de Lisboa, que não susteve as lagrimas, vendo aquelle espetaculo cruel, que mais lhe pareciam figuras da morte, que homens animados. Estando todos juntos, entrou a resgata-los, o que concluio em tres horas, usando para o intento de grandes traças, e diligencias; sendo quarenta pessoas as que levava o Navio perdido, foram os resgatados trinte e tres por haverem fallecido os dous Religiosos, e quatro Negros pertencentes ao Navio, um havia passado para outra terra, e os tres diziam elles, que eram seus Irmãos, e por isso os não deixaram resgatar. Um passageiro por se haver portado para com elles com algum orgulho, e com menos temor, foi trocado por um boi: em tão pouco estimaram aquella alma, que tão cara havia custado ao nosso Redemptor.

Havendo-se já recolhido todos á chalupa, partiram para Ziguichor, praça nossa, distante dalli seis legoas, aonde aportaram pelas 8 horas da noite; sahio o Redemptor a terra pedir accommodação ao Governador, o qual recebeo aos Padres com muito amor, e charidade, e repartio aos mais pelos moradores, de quem receberam mui bom agazalhado; e dilatando-se ahi tres dias, os remetteo o Redemptor para Cacheu em uma Canôa, de que desembarcaram em Bojoto, terra de Gentio, aonde passaram a noite, e nessa mesma o Irmão Manuel de S. Joseph, combatido por uma febre malina, rendeo o espirito a Deos, merecendo de todos os companheiros saudosas lagrimas, deixando-os não menos edificados dos Religiosos actos com que se despedio da vida presente. In-

tentavam leva-lo comsigo para Cacheu, mas os Gentios lhe impediram esta determinação, nem tão pouco consentiram que o enterrassem alli, sem primeiro pagarem tantas barras de ferro para o Rei, que havia de dar a licença. Pactearam-se com o Prior em quatro barras, dous pannos, e alguma agoa ardente; e não querendo ao depois estar por este contracto, precisaram ao Padre Prior a demorar-se naquella terra com mais duas pessoas, e tres Negros, que lhe serviam de interpretes, partindo-se os mais por terra para Canguim; os enfermos em redes, por ajuste, que fizeram com aquelles gentios, e os mais a pé.

Dilatava-se o enterro do dito Irmão por causa da inovação do contracto; e como o Prior se achava mui enfermo, lhe disseram os tres interpretes, (que eram Christãos) ficariam para a decisão daquella causa, e dar sepultura ao defuncto, e elle se fosse como haviam feito os mais. Acceitou agradecido a offerta; mas achou aos Gentios mui rebeldes a quererem leva-lo; só pôde vencer a sua pertinacia, dando-lhes quanto pediam, e em poder de dous com quem se ajustou, se pos ao caminho, sem mais companhia que o receio, de que tomassem com elle differente rumo, ou lhe fizessem alguma crueldade; o que não deixou de experimentar, pois uma vez atiraram com elle na rede ao chão, e outras pertenderam faze-lo ir por seu pé, o que executariam sem duvida, se não chegassem as duas pessoas, que com elle haviam ficado em Bajato, com o que já mais gostoso pode proseguir a jornada.

Chegados a Canguim aonde estavam já os mais, ajustaram uma Canoa, e embarcados os tres Padres Missionarios com mais onze pessoas, e partindo de Canguim a noite pelas tres horas da manhã surgiram em Cacheu; ficando alli as mais pessoas por

não caberem na embarcação. Sahidos a terra, rezaram a Ladainha em honra de Santo Antonio, por cuja interseção haviam conseguido a liberdade, e sendo dia claro, foram buscar ao Capitão mór, e a Nícolao de Pinna, para lhe gratificarem o beneficio do resgate. Receberam-nos com muito amor, e grandes instancias, para que os Padres Missionarios ficassem em suas cazas; o que não aceitaram, por haver naquella terra um hospicio de Padres Capuchinhos, ao qual logo foram demandar e acharam já á porta o Padre Presidente, e mais Religiosos, que os esperavam com o amor, que se pode entender da Charidade Religiosa. Aos companheiros seculares repartio o Capitão môr pelas casas, dando ordem, a que se fosse conduzir, aos que haviam ficado em Canguim. Alli experimentaram de todos uma bem ordenada charidade, pois chegando á Praça a 15 de Junho, se demoraram até 26 de Julho, padecendo neste tempo com grande constancia os terriveis effeitos de uma febre malina, que a nenhum perdoou; e desta morreo o Padre Superior Fr. João de S. Anna, dando fim á carreira de sua perigrinação no Hospicio dos mesmos Padres, deixando-os invejosos de felicidade, de que hia gozar por premios de seus trabalhos. Falleceo tambem o Capitão do Navio Joseph Mendes Couceiro, e outros mais, que faziam já o numero de onze.

A 24 de Julho se embarcaram os que já se achavam convalecidos em o Navio Nossa Senhora da Conceição, de que era Capitão Joseph Lopes, natural da Cidade de Lisboa. Tornaram adoecer todos os captivos, e muitos dos que pertenciam ao Navio, e se viam em estado tão miseravel, que causava lastima grande o ve-los padecer aquella, que julgavam especie de epidemia, sem que se lhes podece acudir, assim por falta de remedios, como de mantimentos.

Nesta derrota tiveram presente a imagem de passado perigo, pois o Navio fazia agoa em tanta quantidade, que os precisava a tirarem-lha pela escotilha, além da que lhe tiravam com as bombas.

Com todas estas calamidades chegaram a Caboverde com trinta e seis dias de viagem: na noite seguinte em que desembarcaram, se levantou uma tão impetuosa tempestade, que deu com o Navio em um cachopo, e o despedaçou, perecendo neste naufragio mais de quarenta pessoas, e perigando as vidas de outras muitas.

Não foi bastante o favor, que os dous Padres achavam em o Capitão mór, para que deixassem de experimentar muitos e graves incommodos, por se acharem, um com febre continua, e outro com sezoens, e não haverem gallinhas, nem outros victuaes conducentes, para o remedio da sua enfermidade, nem finalmente quem lhes fizesse de comer, por se achar a Ilha inficionada de doenças tão contagiosas, que se encontravam pelos caminhos muitas pessoas mortas. Detiveram-se ahi dous mezes, e no fim delles, appareceu um Navio Inglez, que navegava para a Corolyna. Neste se embarcaram sómente o Padre Prior Fr. Caetano de S. Thomaz, e seu já unico companheiro Fr. Domingos de Santiago, (ficando todas as mais pessoas nesta Ilha, e outras em Cacheu, por não terem com que fazer viagem, nem quem para isso as fiasse).

Neste transporte padeceram trabalhos iguaes aos passados; pois a febre continuava em um, e em outro as sezoens, servindo de augmentar-lhes a enfermidade o mao tratamento, que o Capitão lhes dava. A 26 de Novembro aportaram na Carolyna, e chegados que foram a terra, buscaram um Cavalheiro Inglez, a quem hiam remettidos, o qual logo mandou chamar Interprete, e sabendo delle as grandes cala-

midades, que haviam padecido, ainda que Herege, mostrou uma mui notavel compaixão, e os mandou para uma casa de pasto, aonde estivessem á sua vontade, com credito, para se lhes concorrer com a sussistencia necessaria. Com o bom comodo, que alli tinham, se poderam restabelecer na saude, e forças, se se demorassem mais tempo, pois a bondade do Paiz conduzia muito para este effeito. Mas o grande desejo, que tinham de se verem em Portugal os movia a procurar embarcação; e conhecida do bom Cavalheiro a sua vontade, deu ordem a ajustar-lha, e os proveo do preciso para a jornada.

Aos 28 de Dezembro se fizeram á vela para Portugal, e nesta viagem não lhes faltou cousa alguma; excepto aquellas, de que careciam para a sua saude, de que vinham mui necessitados. Entraram em o Porto desta Cidade de Lisboa aos 4 de Fevereiro com uma viração mui favoravel. Ao meio dia deram fundo em Bethlem, onde foram logo visitados, e sahiram para terra. Chegaram em fim pelas quatro para as cinco horas da tarde ao Convento de Corpus Christi da Sua Religião, tão destituidos de forças, que se vinham sentando continuamente pelo caminho, e tão desfigurados, que eram desconhecidos dos Religiosos, causando a todos uma mui terna e fraternal compaixão, de que muitos se moveram a lagrimas, e pondo os olhos no Ceo deram a Deos graças, significadoras de piedade. Chora a Religião com materno affecto a perda dos quatro Filhos, que pereceram, renovando-lhe estes a memoria, dos que naufragaram em outras viagens, que por todos fazem já o numero de treze, entre os muitos, que a Obediencia tem mandado ao Reino de Congo, e para outras Conquistas, com o fim de propagarem a Fé Catholica, e converter as almas ao conhecimento do verdadeiro Deos, que,

como os seus juizos excedem a razão humana, não nos é licito investiga-los: devem-se temer, e não descutir; e dizer com o Propheta: *Justo sois, Senhor, e recto vosso Juizo: os Juizos do Senhor são verdadeiros e justificados em si mesmos.* O que aos homens parece acaso, foi Providencia Divina; e neste sentido se entende, o que disse o Propheta Amós, de que não ha mal que Deos não faça, quiz dizer, que todos procedem ou pendem da sua disposição, e providencia; e em todas estas occasiões não deve ser menos louvado e amado, que nas de fazer mercês. Daqui nasce a infallivel certeza, de que quando não succede o que queremos, e para nosso bem por vias, que não alcançamos, como disse a Santa e valerosa Judith. Já leva certa boa fortuna quem no principio desejou bom fim, e sem que lha possa tirar qualquer successo com apparencia de infeliz. Muitos intentos virtuosos tiveram successos contrarios, como o naufragio de um S. Paulo; a empreza de S. Luiz nono Rei de França em Asia; e a que ainda sentimos do nosso lamentado Rei D. Sebastião em Africa. A verdade é que nesta navegação da vida, (como lhe chamaram Job e Salamão) o piloto é a resignação com a Divina vontade, e o astrolabio é a extirpação dos vicios, que em todos os mares ensinara os rumos, porque se ha de chegar ao porto de Salvação.

FIM

RELAÇÃO,

OU

noticia particular da infeliz viagem da Náo de Sua Magestade Fidelissima,

Nossa Senhora da Ajuda,

E

S. Pedro de Alcantara,

Do Rio de Janeiro para a Cidade de Lisboa neste presente anno, dedicada

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA

&c. &c. &c.

Por

Elias Alexandre e Silva

Alferes de Infanteria da Companhia de Major do Regimento de Santa Catharina.

Anno 1778.

LISBOA

Na Regia Officina Typografica.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

DEDICATORIA

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor:

Não busco a v. ex.ª, meu senhor, para com este pretexto distribuir ao povo uma ampla noticia da illuminada sciencia, probidade e mais virtudes que se admiram na illustre pessoa de v. ex.ª, porque ser-me-ía preciso aprender do mesmo povo que as conhece, e obrar o paradoxo de querer ensinar-lhe o que elle não ignora; nem tambem para que o seu respeitavel nome favoreça a minha obra, porque seria indesculpavel confiança pretender tão alta protecção para tão diminuto empenho, e assim sómente pretendo dar a v. ex.ª publicamente os parabens de se ter livrado de uma viagem tão assustada, constrangida e trabalhosa, como expresso na relação que a v. ex.ª offerece a minha humildade.

Parece que a Providencia, tendo de mão a v. ex.ª, o quiz livrar de sentir aquelles insupportaveis males, ou que desenganada a desgraça de que o grande coração de v. ex.ª excede os extremos da mais heroica constancia, não quiz empregar o tempo inutilmente, para em outra parte ter mais exercicio e proveito.

E' (sem duvida) alguma causa occulta, mas divina, que favorece este destino admiravel, pois está justificado em todo o Brazil (onde se acclamou como fortuna geral o regresso de v. ex.ª para esta côrte, assim como se tinha sentido pela maior perda do estado o seu desterro) que a nau *Ajuda* havia servir de fiel deposito de tão interessante pessoa. Assim o publicou o ex.mo marquez vice-rei d'aquelle estado, mandando-a da capital em que existe, para que ao mesmo tempo, cumprindo as reaes determinações, comboiasse a frota e offerecesse aos olhos de v. ex.ª uma nau guerreira, a qual não só auxiliasse tão preciosa vida, mas tambem, no bom commodo que administrava, correspondesse ao respeito que a v. ex.ª se deve, e com que eu confesso ser — Ill.mo e ex.mo sr.

De v. ex.ª

O minimo subdito e obediente creado,

ELIAS ALEXANDRE E SILVA.

RELAÇÃO

OU

NOTICIA PARTICULAR

Da infeliz viagem da Nau de Sua Magestade Fidelissima, Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcantara, da capital do Rio de Janeiro para a Côrte de Lisboa

E' justo, conveniente e proveitoso dar ao publico a individual noticia da portentosa viagem que conseguiu a nau por invocação *Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcantara*, porque d'ella se podem colher as uteis e seguintes consequencias. A 1.ª, evitarem-se embarques sem uma grande precisão; 2.ª, prevenirem-se as embarcações que houverem de fazer viagens largas, de paus, massame, mantimentos e aguada, mais do que até aqui se julgava necessario para se navegar com bonanças, e sobretudo de um leme de sobresalente,

que sómente costumam levar as naus da India, como se Eolo e Neptuno só n'aquelles mares fossem soberbos; 3.ª, animar os navegantes a terem valor e constancia nos perigosos trabalhos das ultimas ruinas de uma tempestade, vistoque sendo esta a maior, a soube vencer o animo e sciencia dos que não desmaiavam nos mais arriscados conflictos; 4.ª, colherem a utilissima lição de como se hão de haver em casos similhantes; 5.ª e ultima, a de implorarem incansavelmente o patrocinio da Soberana Mãe de Deus, Rainha dos céus, a quem com evidentes provas se attribue a salvação da dita nau, para confusão dos libertinos incredulos.

Do Rio de Janeiro para a cidade da Bahia

Por ordem do ill.^mo^ e ex.^mo^ marquez do Lavradio, vice-rei do estado do Brazil, saíu em companhia da frota a real nau *Nossa Senhora da Ajuda*, com o destino de ir á Bahia de Todos os Santos, e ficar n'aquelle porto ás ordens do ex.^mo^ Manuel da Cunha Menezes, governador e capitão geral d'aquella capitania. Foi encarregado do cumprimento da sobredita ordem o capitão de mar e guerra, commandante José dos Santos Ferreira Pinto, e debaixo do seu commando os capitães tenentes, José Vasconcellos de Almeida, fidalgo da casa real e cavalleiro da sagrada religião de Malta (já então nomeado capitão general e governador de Moçambique), Joaquim Ferreira e Matheus Pereira; o tenente de mar, Antonio José Valente; os capitães de artilharia, João Subtil Borralho e Manuel Ignacio Moreira Freire; os tenentes da mesma, Francisco Luiz Prestes e José Joaquim

Luiz de Sequeira; o tenente da companhia do coronel do regimento da segunda armada, Claudio Xavier de Barros, e o tenente Faustino José Pereira Xavier; os rev.dos padres capellães, fr. Antonio de Santa Thereza e fr. José da Trindade, religiosos da ordem terceira de S. Francisco. Duas companhias de artilharia e uma de infanteria guarneciam a nau, que com a tripulação da mesma sommavam quinhentas trinta e uma praças, e alem d'estas havia mais uma companhia de artilharia commandada por um tenente, que ía encorporar-se no seu regimento da capital da Bahia, de sorte que com os passageiros se perderiam quasi seiscentas vidas, se naufragasse aquella nau.

Estava resoluto a partir para esta côrte em a nau *Praseres* (de que era commandante o em tudo illustre José de Mello) José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, moço fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade e seu conselheiro do ultramar, que havia mais de vinte annos se achava na America, dos quaes passou mais de quinze em uma rigorosa prisão na fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim, que é um penedo fortificado na barra da capitania de Santa Catharina, d'onde foi mudado em fevereiro de 1775 para outra prisão muito mais dura e estreita na Ilha das Cobras, de que pouco antes tinha saído o ill.mo e ex.mo José de Seabra da Silva para Angola, e tendo o dito conselheiro já dezoito annos de incommunicavel, resuscitou a milagres da incomparavel piedade da nossa amabilissima Soberana que Deus guarde, a qual lhe restituiu a vida e a honra (como a outros muitos benemeritos da patria), mandando-o soltar pelo dito ex.mo marquez vice-rei; mas tendo noticia de que tinha chegado de Angola á Bahia (com igual resurreição) o dito ex.mo Seabra,

procurou ir acompanha-lo na viagem para esta côrte, renovando uma antiga, fiel e estreita amisade que tinham cultivado desde os primeiros estudos. Esta justissima causa obrigou o dito conselheiro Mascarenhas a deixar a nau *Prazeres* e embarcar-se na *Ajuda*, trazendo em sua companhia o rev.do padre Manuel da Cunha Pacheco e o alferes de infanteria Elias Alexandre e Silva, que se acha nesta côrte com licença de Sua Magestade Fidelissima.

Pelas seis horas e um quarto da manhã principiou a suspender a nau *Ajuda* e toda a frota do Rio de Janeiro, que constava de sete galeras e sete corvetas, acompanhando-as por capitanea a dita nau *Prazeres*, commandada pelo illustre Mello, e por almirante a nau *Santo Antonio*, commandada pelo capitão de mar e guerra inglez Arthur Filippe, e por segundo José da Silva Pimentel, fidalgo da casa de Sua Magestade. O vento soprava nor-noroeste, e ás sete horas com muita alegria e geral prazer se salvou á fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, com sete tiros, que a dita recebeu com tres. A's onze horas alargou o vento e com elle se continuou a viagem, levando largo todo o panno possivel, pois independente da frota cuidava só o commandante em cumprir com brevidade a ordem acima referida. A latitude de que saímos era de 23°, e suppozemos que fosse a longitude de 342° 22', já que o interessante descobrimento do inglez Harrison não basta ainda para a marcarmos com certeza.

No dia 31 se não avistou navio algum da frota, infallivel signal de se ter adiantado a viagem. O contentamento era visivel no semblante de todos, pois o vento favoravel e o bom tempo concorriam a excitar a alegria que respirava até nos da guarnição, com a lembrança de verem acabada uma campanha

naval de mais de quatro annos sem desembarcarem, que os havia apartado para tão longe da communicação de suas mulheres, filhos, parentes e amigos. Continuando a existir o favor dos dois elementos, se avistou no dia 2 de junho uma sumaca a barlavento, que em bordo desencontrado procurava a barra do Rio de Janeiro. A terra do Cabo Frio, que se patenteava clara, e a nau constante na sua carreira, dava esperanças da breve despedida d'aquelles montes. Elles se occultaram em pouco tempo, de fórma que não só não foram vistos, mas observando-se o sol no zenith do dia 3, se achou vencida a primeira difficuldade de ter montado o dito cabo. Na manhã de 6 se viram a sotavento da nau duas sumacas; porém, como íam em contrario caminho, em pouco tempo faltaram á vista dos que as observavam. A este tempo já nenhum cuidado dava o perigoso baixo chamado dos Abrolhos, de que os acautellados pilotos tinham antecipado o resguardo. As contas da navegação se olhavam com as reflexões proprias e necessarias, para proseguir um caminho com tantos e tão diversos como confusos atalhos, e por isso á similhança de um logar que antes de o ver se observam na estrada signaes de estar perto, mandou o commandante sondar pelas onze horas da noite do dia 9, e se achou fundo de 150 braças, physico e innegavel indicio de estar a terra perto, como se verificou na manhã do seguinte dia, que se avistou o morro de S. Paulo e toda a costa que prosegue para uma e outra parte, observando-se ao meio dia que estaria em distancia de 6 leguas ao poente. Viu-se uma pequena embarcação de pescaria, e mandando o commandante fallar-lhe em o segundo escaler, que para isso se lançou ao mar, recolheu se com a triste noticia de ter partido d'aqueile porto para Lisboa a frota no dia 20 de

maio; e porque faltava nau que a auxiliasse, armaram os commerciantes d'aquella praça dois navios em guerra, debaixo do comboio dos quaes se conduziu a sobredita frota, embarcando em um d'elles o ill.^{mo} e ex.^{mo} José de Seabra da Silva. Esta noticia foi bastantemente sensivel para todos, mas muito mais para o dito conselheiro Mascarenhas, o qual não trazendo á lembrança o descommodo da viagem e muito menos o augmento das despezas que necessariamente se haviam de seguir n'aquelle porto, só lamentava o desgosto de não ver e acompanhar um amigo tão estimavel, e que acabava tambem de ser injustamente desgraçado.

A's oito horas da noite do dia 10 se deu fundo em 25 braças, abra aberta com a ponta de Santo Antonio, e suspendendo na seguinte manhã, se proseguiu a viagem para a entrada da barra com vento su-sudoeste. O pratico, cuidadoso mais no seu interesse que interessado em ver a nau dentro amarrada, não faltou em embarcar-se n'ella, offerecendo a sua vontade e sciencia para a conduzir. Quando passava pela fortaleza de Santo Antonio, salvou com sete tiros, que foram recebidos com tres, e logo mais adiante, defronte do logar a que chamam Preguiça, deu fundo. Mandou immediatamente o commandante ferrar o panno, que os ligeiros, scientes e praticos marinheiros o fizeram na ultima perfeição, sendo difficultoso (ainda a quem attento observasse) distinguil-lo amarrado, pois quasi nada excedia a grossura das vergas. As bandeiras tremulando deixavam por entrevistas divisar as reaes quinas. A grossa artilheria que até então se occultava, tendo fechadas as janellas, por onde motivando estragos faz respeitar a monarchia, se patenteava aos habitantes d'aquella famosa cidade, para que animando-os com a soberba ostentação dos seus

auxilios, se empenhem mais afoutos na defensa da sua patria e dominios de uma senhora. Uma mui comprida e bem lançada flâmula justificava no mais alto logar o real senhorio, e assim certificados todos da chegada de uma nau guerreira, que por espaço de quatro annos tinha zombado de uma campanha em que os tres elementos mais soberbos e vorazes a pretenderam opprimir, corriam agitados do gosto aos montes mais elevados e vizinhanças do mar a observarem a sua respeitavel existencia. Já os negociantes ajustavam os effeitos dos commercios, para arriscarem sobre o oceano novos lucros dos seus interesses. Oiro, pedras preciosas e as mais riquezas que engrandecem o estado, se ajuntavam cuidadosamente para em seguros cofres serem conduzidos ás mãos de fieis correspondentes. Os reaes armazens se viam abertos, movendo e apromptando grandes e fortes madeiras para carga d'aquella nau. Finalmente o trafico em que todos se occupavam se fazia suave, pelo contentamento geral que visivelmente mostravam no risonho semblante.

Tendo o commandante mandado á terra o capitão tenente Joaquim Ferreira, dar parte ao capitão general governador da sua chegada, da gente do seu commando e dos passageiros que conduzia a sua nau, se recolheu aquelle em companhia do ajudante de ordens do dito general, o ex.^mo^ Manuel da Cunha de Menezes, que da parte de s. ex.^a^ mandou visitar ao conselheiro Mascarenhas, pedindo-lhe se hospedasse no seu palacio e fosse jantar com elle, como tambem o commandante, o capitão general de Moçambique, Vasconcellos, os mais officiaes que quizessem e os dois expressados passageiros da companhia do dito José Mascarenhas.

A aceitação d'este honrado convite obrigou a

irem jantar com s. ex.ª o dito conselheiro e o governador de Moçambique, o commandante da nau, José dos Santos Ferreira Pinto, o rev.do padre Manuel da Cunha Pacheco e o alferes Elias Alexandre e Silva. A ordem que immediatamente houve para desembarcarem os soldados artilheiros da guarnição d'aquella capital, se espalhou apressadamente pela cidade. Elles marcharam por ella até defronte do palacio do dito general, sendo difficultoso distinguir em quaes tinha o prazer feito maior impressão, se nos que acabavam de chegar ou dos que os esperavam.

O vivo trabalho de carregar-se a nau, de encher toneis de agua, de receber mantimentos, dinheiro para os cofres e os mais aprestos necessarios para a viagem, era dirigido pelo activo e zeloso genio do general e do capitão de mar e guerra commandante. Ambos se lembraram em fazer o que deviam ao serviço da nossa amabilissima Soberana. A actividade de se aprompṭarem as embarcações do commercio foi igual. Ao som de caixas se mandou annunciar ao povo o breve dia da saída da nau. Este porém se demorou com justa causa e necessaria, não estando da parte de pessoa humana remediar o que só Deus póde fazer. A antecedente frota que d'aquelle porto tinha saído, embarcou mantimentos bastantes para a longa viagem de tres mezes, e por consequencia muitos feijões, que é o mantimento de menos preço e mais usual em viagens do Brazil; mas sendo tão necessario e que em as naus regias se dá á tripulação e guarnição d'ellas, era o que menos havia, e na demora de o mandar vir de longe e outras diligencias se gastaram quarenta e oito dias.

A 22 de julho chegou á mesma cidade José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho, fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, senhor

da villa de Lapa, e commendador da ordem de Christo, que tendo sido governador e capitão general do Goyaz, conseguiu da Rainha nossa senhora a mercê de se retirar ainda antes de ter successor, o qual achou n'aquella capital que era o ex.^{mo} Luiz da Cunha de Menezes, tão cheio de virtudes, agrado e instrucção, que geralmente lamentava a Bahia não ser elle o successor do seu Ill.^{mo} irmão. Ajustou-se pois o sobredito general a ir n'esta nau *Ajuda*, e estando prompta de tudo, assim como as embarcações que ella havia de auxiliar debaixo da sua conserva, deu ordem o ex.^{mo} Cunha ao commandante para largar as vélas no dia 27 do dito mez e viajar para o porto de Lisboa, levando debaixo do seu commando sete embarcações, que eram cinco galeras, uma corveta e uma sumaca, ficando n'aquella bahia outra galera, que depois de estar tambem prompta abriu agua. A corveta e uma das galeras eram destinadas para a cidade do Porto, e a galera *Santos Martyres* foi nomeada pelo commandante geral almirante da frota.

No dia acima dito e determinado embarcaram pelas nove horas da manhã no escaler do governo o sobredito general Almeida, o conselheiro Mascarenhas, o rev.^{do} padre Manuel da Cunha Pacheco e o alferes Elias Alexandre e Silva, acompanhando-os os dois Ill.^{mos} irmãos generaes d'esta capitania e da do Goyaz, concorrendo a maior parte da nobreza da terra, de que muitas pessoas se acharam á mesa, que muito bem servida e igualmente delicada deu o commandante da nau a horas de jantar. A ella porém não se achou o general dominante, que informado de não haver vento favoravel para a saída da barra, por estar do sul, se embarcou e foi para terra no seu escaler, por sentir-se molesto, tendo já ordenado o commandante aos habeis capitães de artilheria o salvassem com

vinte e um tiros, acompanhados do obsequio de sete vivas; que ao signal do apito do mestre lhe deram os marinheiros espalhados e postos em pé em cima das vergas. O cumprimento d'esta ordem foi executado sem nenhum descuido, e todos gostosos concorriam ao exito d'ella, querendo cada um na diligencia justificar o agradicimento que lhe deviam de lhes ter pago quatro mezes de soldo, á conta dos muitos que ainda se lhes restavam de uma campanha de quatro annos. O vento continuou da mesma fórma até á tarde do dia 28, que rondou pelo les-sueste, e sendo cinco horas fez a nau signal para se levarem os navios da sua conserva e fazerem força de véla, o que logo executaram; porém como as sombras da noite não permittiam bordejar com uma frota n'aquella barra, houve segundo signal para darem fundo.

Da cidade da Bahia para a côrte de Lisboa

Contavam-se já 8 horas e meia do dia 29 quando principiou a ventar do su-sudoeste. A nau, com o signal que anticipadamente tinha o commandante distribuido aos capitães da frota, deu aviso para suspenderem, largarem o panno e navegarem, e executando elle a mesma manobra, se fez no bordo de oeste. A saudade da precisa e conveniente ausencia d'esta frota era sensivel ao povo, ainda que já então se via mais desmaiada e enfraquecida com a duração de quasi tres dias, que a cada instante esperavam a ultima despedida. Ella chegou porém ao ultimo ponto (sendo tambem o do meio dia) quando se salvou á fortaleza da barra com sete tiros, que na fórma do costume e ordens correspondeu com menos quatro. Ora, sem embargo dos fortes corações que depois patentearam os navegantes na tempestade, sempre íam bem

maguados n'esta despedida, em preciso agradecimento dos obsequios que todos tinham devido áquelles estimaveis brazileiros, especialmente José Mascarenhas, que tendo servido a Sua Magestade mais de um anno n'aquella capital, são incriveis as demonstrações publicas de alegria que fizeram o clero, nobreza e povo pela sua justissima restituição, todo o tempo que ali se demorou, dando a conhecer que ou aquelles moradores são os mais affectuosos e benignos que tem o mundo novo, ou o dito conselheiro tinha sido o ministro mais bemquisto que passou á nossa America. Até ás tres horas e meia da tarde navegavam as sete embarcações de commercio, bordejando pela prôa da nau; mas alargando o vento pelo les-sueste, se fizeram todas no bordo do sul, e ás cinco horas demorava a ponta de Santo Antonio pelo angulo de 25° nordeste, e o morro de S. Paulo por 50° sudoeste da agulha. Latitude de que saíam 13° do sul, longitude supposta 345° 16′ de oeste.

O vento soprava brandamente, e mudando *in continenti* para leste e les-nordeste, mostrava o mar contentamento em estar socegado. As gaveas e gata eram panno de sobra para adiantar-se a nau ás mais embarcações que faziam força de véla. Para aproveitar esta tranquilidade do dia 30, mandou o commandante passar mostra a toda a gente, e ao mesmo tempo satisfazer ás ordens que Sua Magestade Fidellissima determina nos regulamentos da marinha, dando a conhecer que não sabe ter descuidos em executar perfeitamente as obrigações do seu posto. O sol como não teve cousa que lhe occultasse a luz o seu zenith, mostrou que estava a nau na latitude de 13° 37′, longitude oeste 345° 36′. A curiosidade dos navegantes tinha exercicio em observar quaes embarcações da conserva andavam melhor, quaes barlaven-

teavam, quaes sotaventeavam, e por consequencia quaes andavam menos e se velejavam melhor á bolina ou á popa; n'esta averiguação concluiram que a sumaca era presentemente a que podia mais atrazar a viagem, que tanto se interessavam em fazer breve, por não se acharem sobre o mar quando principiasse no hemispherio do norte a estação mais fria e tempestuosa, e n'esta conformidade mandando o commandante fazer signal á dita sumaca no dia ultimo de julho, para lhe fallar, ordenou ao mestre d'ella fizesse sempre força de véla. A navegação se fez pelo quadrante do sueste até ás oito horas e um quarto, e virando no bordo de norte, se fez signal ás embarcações para executarem o mesmo, navegando pelo quadrante de nordeste com vento les-sueste, sueste e nordeste, sem a nau exceder o panno acima referido.

Na manhã do dia 1.º de agosto faltou a sumaca (que por invocação tem *Nossa Senhora do Pilar, Santa Luzia e Almas*) e os gageiros se empenharam em descobri-la, e jamais foi possivel chegar a divisa-la. O commandante, a quem não escapava nenhuma util prevenção, sendo necessario não esquecesse exercitar a gente a occupar os postos que se lhes haviam determinado, para em caso de ataque não formar a ignorancia algum sensivel descuido, o qual só suppunha com os mouros ou inglèzes americanos, se estes pretendessem visitar algum navio da frota, determinou se fizesse exercicio, para o que mandou tocar a postos, e tudo se executava muito bem, ordenando empregos aos que ainda não os tinham, para que todos se interessassem na defensa da nau de Sua Magestade Fidelissima e gloria da nação. Logo que se findou a primeira vez esta operação bellicosa, mandou ao som de caixas publicar um bando para se re-

colher ao cofre dinheiro em oiro, pedras preciosas e oiro em pó, se houvesse alguma pessoa que o trouxesse, e que no termo de quinze dias se confessariam todos sem nenhuma excepção.

Não bem á popa, mas favoravel continuava o vento, sem dar causa a formar queixa da sua inconstancia. Os pilotos dirigiam a prôa ao vencimento do cabo de Santo Agostinho, e a corveta diminuia com o pouco que andava a esperança da brevidade d'este exito, sendo preciso no dia 5 estar quatro horas á capa á sua espera. Para se apressar, lhe fez a nau signal com um tiro de peça, bandeira encarnada no tope grande e flamula tambem encarnada no penol da mezena. O capitão que a conduzia nada tinha de receioso, a sua afouteza lhe fazia largar opanno possivel; mas a embarcação nenhuma satisfação dava ao desejo de toda a conserva.

Na abservação do sol do dia 7 se achou a latitude de 8° 23' do sul, longitude de oeste 349° 24'. Foi celebrado o contentamento de se passar o cabo de Santo Agcstinho com uma salva a Nossa Senhora do mesmo cabo, de sete tiros com bandeira larga. Todos rezaram á Soberana Mãe de Deus e senhora do universo, pedindo-lhe boa viagem para o porto desejado. A admiravel bonança e excellente vento com que se fazia a viagem deleitavel, eram favores que o céu distribuia aos navegantes d'esta frota. O gosto, prazer e alegria já não eram effeitos estranhaveis no mar, porque todos applaudiam a causa; não tardou porém motivo para mudar por um pouco o semblante, succedendo na manhã do dia 9 de agosto fallar á nau a galera por invocação *Nossa Senhora da Conceição*, e por antonomasia *Princeza de Portugal*, dando noticia de estar com agua aberta. Sem demora mandou o zêlo do commandante a mestrança a bor-

do da dita galera, e recolhendo-se pelo fim da tarde se tornou á restabelecer o antigo contentamento com a informação de que se havia remediado a agua, a qual nasceu de estarem as bombas impedidas, e ficando inuteis para o seu exercicio, não despejavam a agua que por differentes ductos se encaminha ao porão, a qual já não existia n'elle, por ter a dita mestrança deixado as bombas em estado de laborarem.

Para a boa derrota se desejava ver a ilha de Fernão de Noronha, em cujo rumo se continuava a viagem; porém os pilotos sendo tão bem acautelados como sabios, convieram em pôr-se á capa pelas onze horas da noite do dia 10, e para os navios da conserva não continuarem a navegar, fez a nau o signal determinado para aquella manobra com tres tiros de peça e sete lampeões, tendo-se achado na observação do sol no mesmo dia a latitude de 4° 10′, e longitude de 350° 37′. Na madrugada do dia seguinte se fez o signal de um tiro de peça, para os navios se chegarem e acompanharem a nau pela popa, que continuando mais apressada para descobrir a sobredita ilha o conseguiu pelas cinco horas e meia da tarde, tendo dado para esta diligencia as mais certas esperanças a latitude que observaram de 2° 52′ do sul com a longitude de 350° 43′ de oeste; passou a nau ao poente da dita ilha seis leguas.

A existencia dos ventos se fazia admiravel, a viagem não menos esperançava a sua brevidade, o céu jámais dava indicio de uma noite obscura ou trovoada; as pequenas nuvens, que se divisavam sobre o horisonte, nenhuma inveja tinham de cobrir o mar d'aquelle hemispherio com suas sombras, pois nenhum empenho mostravam para o conseguir. O centro da zona torrida fazia ás vezes trazer á lembrança a calma que quasi sempre costuma alli haver; mas ao mesmo

instante se via perpetuada a contraria causa para desvanecer similhante pensamento. Finalmente os corações dos navegantes de toda a frota descansavam livremente sobre a prosperidade de uma viagem rara vez imitada, sem advertirem que a desgraça costuma lisonjear aos abjectos da sua tyrannia, para mais apressadamente correrem ao patibulo da execução, em que com tremendo horror deixa ver o seu impio exercicio. Na continuação d'esta enganosa apparencia passou a frota a equinocial na noite do dia 12, achando-se no zenith do dia 13 a latitude de 42′ ao norte, com a longitude ao poente de 349° 56′. Cada um se encheu de parabens para os distribuir a outros, que tambem tinham por que os dar.

Nos dias 18 até 24 houve continuados chuveiros, mas sem vento tempestuoso. A 25 fez a nau signal á galera *Nossa Senhora da Apparecida* para ficar pela popa, e mandou o commandante perguntar ao seu capitão, que motivo tinha para sempre navegar pela proa da nau, e que se continuasse o havia de castigar.

A primeira demora que houve nesta viagem occasionada pelo tempo, foram oito horas de calma no dia 27 em altura de 14° 4′ de norte, quando esperavam então os navegantes as brisas de Cabo Verde, que para ser em tudo admiravel a viagem, não as houve, mas sim ventos pela roda de popa. Em acção de graças por tão continuados beneficios se ajustou a bordo da dita nau cantar com a musica possivel um oitavario de devoções ao nascimento de Nossa Senhora, principiando no dia 1.° de setembro, para no dia oito se celebrar a festa com sermão e missa tambem cantada, o que pia e devotadamente se executou os primeiros sete dias, largando a nau bandeira no pouco tempo que de tarde se gastava em tão justa e santa devoção.

A observação do sol do dia 2 de setembro confirmou a passagem do parallelo das ilhas de Cabo Verde, achando-se a latitude de 18° 57′ ao norte na longitude de 346° 19′ ao oeste. A 4 se viu passar sargaço, signal com que todos se alegraram.

A passagem do tropico de Cancer era n'este tempo o que occupava os pensamentos, procurando cada um saber dos pilotos a altura em que estava, para não deixar passar em claro o reciproco gosto de entrarem em a zona temperada do norte. O tempo concorria para o complemento d'este desejo, mostrando-se sempre benigno e conservando-se o mar inalteravel. A derrota feita pelo rumo prescripto animava os da sciencia maritima a darem por bem empregados os seus estudos. A nau, nunca tão formosa na soberba ostentação de protectora dos navios de sua conserva, dava a conhecer na sua grandeza a vaidade de que ía cheia. Como compadecida de não a poderem acompanhar os seis obstaculos, que lhe embaraçavam a velocidade, levava somente largas as gaveas para reprimir o seu impulso, e quanto mais crescia a causa da sua carreira tanto mais diminuia o seu panno; mas n'esta gravidade de passo passou o tropico Boreal no dia 7 de setembro com vento les-nordeste fresco, o que se vereficou na observação do sol, que mostrava a latitude de 23° 42′ do norte em longitude 344° 35′ de oeste.

No dia seguinte se esperava a festa da Senhora da Luz, e para ella se havia convidado a Antonio Manuel de Mello e Castro, neto do ex.^{mo} conde das Galveias, que vinha de passageiro na almiranta, e a milagres da piedade da nossa augusta Soberana havia resuscitado de um largo desterro em Angola, que causava compaixão a todos que conheciam a sua innocencia e merecimento. O mar, ainda que estava al-

terado no dito dia 7, não fazia desprazer, porque sem passar nenhum ditoso a discorrer insupportavel o seu crescimento, cuidavam estar em melhor felicidade considerando o vento bom para adiantar a viagem, engano sempre permanente dos venturosos que nunca acreditam as desditas senão quando de todo se acham engolfados no oceano dos seus males.

Estes não tardaram, porque crescendo muito mais o vento e o mar, foi obrigado o commandante, depois de ferrar a maior parte do panno, a mandar pôr em baixo as vergas dos joanetes. O vento que fazia operar d'esta sorte era les-sueste e navegava com proa de nor-noroeste norte meio noroeste. O traquete ia largo e as gaveas rizadas nos terceiros rizes; porém não bastou esta cautela, porque a tempestade fez em pedaços antes das oito horas da noite a gavea grande. Entrou se no custoso trabalho de metter outra gavea nova, e apesar do furor dos ventos e dos mares, se venceu esta difficuldade, porque era incomparavel a forte e bem disciplinada tripulação; mas durou pouco a utilidade d'este trabalho, porque ás dez horas já eram tão altos os mares e tão furiosa a tempestade, que foi preciso metter a gavea dentro e ficar em traquete, velacho, rabeca e véla de estay. Os navios da conserva estavam a sotavento, mas a noite tão cerrada que se não pôde ver o como se conduziram. A nau, que até então sempre tinha conservado com socego no seu seio os moveis que a ornavam e os em que levavam a sua roupa os passageiros, principiou a fazer sensivel a sua inquietação, já para bombordo corria uma cadeira, já se movia uma caixa, já escorregava um marinheiro, já se viam segurar outros com difficuldade, tudo indicios de crescer a alteração das ondas agitadas de mais forte vento. Este pois mudando-se para sueste na madru-

gada do dia 8, chegou ao crescimento de rasgar o traquete e a véla de estay do dito com o velacho; e querendo-se remediar com outra, não permittiu o vento que se desse volta ao cabo que a içava, porque sem ainda ter chegado a completar-se a manobra, já voava em pedaços pelo ar. Arriaram-se os mastaréus dos joanetes, ficando prolongados com os das gaveas. Conseguiu-se metter outro velacho novo, pondo-lhe para mais segurança uma antegalha, mas tambem ao içar foi pelos ares. Mandou-se arriar a verga da mezena, com intento de lhe pôr uma véla nova, e já não houve tempo, mas o salvar a dita verga serviu para o que depois veremos. N'esta consternação de se ir rompendo todo o panno que podia servir ainda, se conservava a pequena véla chamada rabeca, resistindo áquelle soberbo e furioso elemento; ella porém não se demorou muito em ver abatida a sua presumpção, em um instante só se viram os cabos que a guarneciam.

Já a este tempo era geral o quarto para a guarnição e tripulação da nau. Trabalhavam os marinheiros em pôr novo traquete, e o dia que principiava dava logar a formar-se conceito do formidavel movimento do mar. Os chuveiros que trazia o vento formavam em pequena distancia uma densa cerração impenetravel á vista. Os gageiros, para a poderem mais dilatar, se empenhavam em subir á maior altura, e jamais foi possivel descobrirem alguma embarcação da conserva.

Os destros e valentes marinheiros que estavam ao leme não se descuidavam do governo proprio para correrem em arvore secca, que é o como então se achava a nau. Os sabios e praticos officiaes da artilheria tinham desde o dia antecedente posto em precaução a grossa artilheria da coberta (que era do calibre

de 24), passando-lhe dobradas e bem seguras talhas, pois bastava uma que se desatracasse e corresse de um a outro bordo para submergir a nau, e assim tambem seguraram a do convés e tolda. Logo que a vigilancia d'estes descobria a possibilidade de algum futuro successo prejudicial, o preveniam no mesmo instante. Ultimamente o horrendo semblante de tão espantosa tempestade permittia sim attenção aos successos que se seguiam, porém não infundia temor ou medo nos rijos corações d'aquella gente, acostumada a vencer perigos. Mas que importa, se n'estes nenhum tinha chegado ao ultimo ponto de os padecer!

Já se contavam alguns minutos depois das sete horas da manhã, quando, sobrevindo uma soberba rajada de vento mais forte, se viu caír o mastro grande, quebrando-se em duas partes por baixo da romã e acima do tamborete, ficando dentro do navio um dos pedaços, que se atravessou de bombordo a estibordo, tendo de comprido mais de meia bôca da nau. O resto caíu no mar para a parte de bombordo, que era a sotavento. Na quéda do mastro metteu a nau a borda sobre que tinha caído tanto e com tanta velocidade, que desatracando-se os moveis até ali presos á parte de estibordo, acompanharam o balanço correndo para a contraria amurada, e ao mesmo tempo correspondendo para a outra parte com egual balanço, não sómente tornaram a correr os moveis já soltos, mas tambem os imitaram os que estavam atracados á parte de bombordo. As lanchas, escaleres e em fim cinco embarcações pequenas foram ao mar despedaçados, e só ficou o escaler grande incapaz de servir. Os marinheiros do leme já não podiam sustentar a roda do seu governo, mas valorosos não largavam mão d'ella, pelo que foram arrojados por cima da mesma para o lado contrario. A este infeliz

successo seguiu-se arrebentar um cabo da canna do leme, o que com grande trabalho e brevidade se remediou com outro, depois do que continuavam os balanços successivamente, porém já menos inclinados.

Toda esta ruina não chegou a perturbar os homens de grande coração que alli se achavam, nem os fortes marinheiros, que constantes no trabalho de cortar os cabos que prendiam o despedaçado mastro, tiveram ao mesmo tempo allivio e desgosto em o verem caminhar sobre as ondas. Não cessou porém aquelle trabalbo, que elles continuaram immediatamente com o mastro da proa, o qual caíndo para ella, foi bater sobre o leão da parte de bombordo, e marrando no gorupés, o partiu quasi pela cabeça do mesmo leão, levando de caminho a verga do traquete que se tinha segurado no castello da proa, quando depois da perda do mastro grande se largou a cevadeira com antegalhas por barlavento e sotavento. Esta segunda ruina surprehendeu por um pouco o animo de todos. O pensamento particular de cada um correu á infeliz lembrança de que teria o mastro levado o beque da nau, pois se não viu por algum tempo a roda de proa submergida debaixo da agua, e na confusão de esperar a morte e salvar a vida correndo á mesma proa, vendo arfar a nau, se certificaram de que sem embargo de ficar despedaçado tudo o que medeia entre a trempe do gorupés e o leão da proa, ainda esta estava capaz de resistir, e assim animados novamente, desembaraçaram os mastros, picando tudo o que os podia prender á infeliz nau, descendo valoroso o contramestre em uma corda, quasi coberto de agua, a cortar as prisões chamadas cabrestos, que costumam ter os gorupés abaixo do leão.

Ainda continuava o difficil e arriscado trabalho do castello de, proa, quando no da popa caíu o mastro da gata para a mesma parte de sotavento, e ao mesmo tempo levantando-se o pharol grande do apoio em que estava, ao excessivò impulso do vehto, se desprendeu das aldrabas de ferro que o seguravam; e augmentando mais uma perda, tomaram entrega d'elle as ondas. O encadeado de tantas infelicidades juntas podia desanimar de todo outra gente que não tivesse os corações de bronze, e na verdade apenas havia já quem desembaraçasse e picasse os cabos presos a este ultimo mastro.

Toda a fadiga e trabalho tinhn cessado, quando não sendo já util o valor, se ouviam as vozes sem socego, pedindo a Deus misericordia. Os reverendos capellães da nau e o zeloso padre Pacheco, eram agora os mastros da segurança da alma, e aos pés d'estes procuravam todos trabalhar para alcançarem a eterna vida. Elles fazendo exemplarmente os officios proprios do seu sagrado ministerio, persuadiam a contrição precisa e davam geral absolvição aos que prostrados de joelhos a pediam. A confusão se augmentava e o animo enfraquecia, porque a causa não cessava.

A infeliz e destroçada nau já não merecia este soberbo nome. Ella se via rasa desde a popa até á proa, á maneira de um escaler no estaleiro. Ora, parece que exceptuando a ultima desgraça de ir para o fundo, já não lembraria á vista de objecto tão compassivo, maior infortunio nem outra nova infelecidade, que o fizesse mais desgraçado e digno de maior compaixão. Assim é, mas ainda faltava um, para ser o penultimo, permittiu Deus que succedesse. Este foi a perda do leme, que largando a cabeça unida á canna, com formidaveis pancadas, que dava no cadaste,

pretendia metter o resto da nau no fundo; mas despregando-se inteiramente das abas de sete fortissimos machos que o prendiam, se apartou da nau.

Já não restava nenhum caso infeliz que, succedendo, podesse pessoa alguma vir expressa-lo n'este mundo. Todos os referidos aconteceram em pouco mais de uma hora. Quando acabava de terminar-se um, parecia não viria outro, e ao mesmo tempo succedia; mas nem com isso se contentavam aquelles dois furiosos, valentes e soberbos elementos, antes iam continuando cada vez com maior vigor a dar aviso da ultima ruina. Horrorisava ver como o mar levantado em altissimas montanhas de agua, despenhando-se do cume d'ellas se desfazia em espuma que o vento espalhava no ar á imitação de chuva; e ao mesmo tempo que o miseravel casco da nau subia aquelles picos, que se empenhavam a sossobra-la, descia repentinamente ao mais profundo abysmo, esperando de novo saír certo o pensamento final, formado em cada onda. Umas vezes balanceava de um bordo a outro, outras de popa á proa, outras vezes principiando por um bordo, acabava pela proa ou popa. Finalmente eram todos os movimentos irregulares e proprios do ludibrio e abatimento a que se via reduzida uma nau que tantas vezes offendeu aquelles elementos, zombando do seu furor e vencendo a sua altivez.

Os grandes e desordenados balanços que de cada vez ameaçavam a morte, faziam não poderem socegar os moveis, que misturados com a gente se espedaçavam nas amuradas. A desordem, que isto causava, deu motivo a se lançarem ao mar as cousas soltas, e algumas de muito valor que se achavam em movimento. As capoeiras das gallinhas entraram n'este numero, e por isso se perderam todas as aves, que

passavam de oitocentas cabeças. O gado, não achando, nem se lhe podendo dar outro asylo, quebrava as mãos, pescoços e pernas, e assim mortas ou moidas, se lançaram ao mar mais de vinte e cinco rezes. Os barris de manteiga, azeite, vinagre, queijos, assucar e todos os comestiveis menos grosseiros se viam perdidos ou espalhados pelo convés, e saíam ao mar pelos embornaes. Até cinco toneis de agua se abateram do porão, taes eram os nunca vistos balanços! A roupa e mais trastes dos passageiros, quasi tudo se perdeu. As tábuas, que compunham o oratorio, camarotes e divisões, se despregaram e caíram. Pratos, frascos, copos, vidraças da camara e rabada, compunham uma affligivel dissonancia. Este foi o humilde estado em que ficou o resto d'aquella soberba nau e em que não faltava hostilidade nova que se podesse sentir sem ser a ultima. Temendo todos que ella chegasse, recorreram com efficacia e fé viva á soberana e sempre solicita protecção da Virgem Mãe de Deus com o titulo de Senhora da Penha de França, promettendo, para testemunho do milagre, que esperavam levar-lhe o traquete em procissão, com os pés descalços á sua egreja de Lisboa, e um modelo do destroço da dita nau, em que se justificasse mais evidente o soccorro da poderosa Protectora dos peccadores.

Mais de vinte e quatro horas continuou ainda a afflicção e tormenta a combater a nau no estado referido, até que moderando-se algum tanto na manhã do dia nove se principiou o trabalho de apparelhar novos mastros, formados das entenas; mas a esparrela, de que alguns têem usado em logar de leme, havia expôr aquelle casco de nau a novos perigos, e assim pelo capitão tenente Matheus Pereira (homem de incomparavel prestimo e grande constancia) foi consultada a nova idéa de fazer um leme de toros de

amarra e virador, o que logo se poz em execução, amarrando uns a outros e prendendo-os com travessas de tábuas, correspondentes para um e outro lado, que só occupavam a largura da porta do leme, pondo-lhe quatro arridas presas aos ditos toros, que haviam encostar sobre o cadaste, com dois vergueiros, que o ajustavam melhor ao mesmo cadaste. Calou-se no logar para que foi feito, atracado pelo modo referido, prolongando-se duas das arridas por um e outro lado no casco da nau, e tendo a sua prisão dentro da mesma, para alar ou arriar cada uma, conforme a precisão. Alem destas havia outras duas, que seguras da parte de fóra na ultima amarra ou toro d'ella, serviam para o governo, as quaes gornidas em moitões, que botados fóra do costado por dois grossos paus saídos pelas portinholas das penultimas peças da tolda, vinham prender na roda do governo do antigo leme. Occupado assim o logar, em que se põe nos mais navios o leme, se içou em um toco, que tinha restado do mastro da proa, um joanete á maneira de véla redonda, das que usam os barcos pequenos, o que fez uma incomparavel alegria, por dar alguma sombra a nau e esperanças de navegação. Pôde observar-se o sol, e ficámos na latitude de 25° e tantos minutos.

No dia 10 se levantou o novo mastro de proa, construido do mastaréu do velacho e do seu joanete com sua enxarcia e estay, e emfim da mesma fórma com que servem em qualquer nau, só com a differença de principiar em cima do convés o que d'antes se seguia ao cesto da gavea em cima do mastro.

A 11 ficou levantado o novo mastro grande, a cuja operação se mandou largar bandeira, para mais se applaudir o interno contentamento de todos; mas nunca se fazia cousa alguma sem primeiro se cantar

uma Salve Rainha a Nossa Senhora. Serviu de mastro grande o mastaréu da gavea e em cima d'este o do joanete grande, tudo com o seu panno correspondente. O gorupés se fez da ametade de uma grande verga. O mastro e mastaréu da gata se remediou com outra ametade da dita verga e com o pau de um cutelo, e a verga secca de outro similhante; porém a este mastro nada faltou do que tinha o antecedente, sómente com a differença de ser tudo muito mais pequeno e fraco. Tambem se armou um pau para servir com a bojarrona, mas é de advertir que todos os referidos paus havia de sobresalente, com tambem todo o massame, que foi novo, fazendo-se quinze vélas, por haver na dita nau todo este precioso remedio que a divina Providencia havia reservado para tão urgente necessidade, pois no dia da tormenta se haviam perdido vinte vélas com os quatro mastros apparelhados e todas as enxarcias.

Todo o trabalho acima dito ficou concluido no dia 14, permittindo a soberana Protectora que desde o fim da tempestade se humilhasse o mar de tal fórma, como se mostrasse sentimento dos grandes trabalhos e afflicções que deu com as hostilidades que fez. O vento que brandamente soprava foi de su-sudoeste até ao dia 13, e depois mudou para nordeste, les-nordeste e leste sempre brando. O novo leme chegou a governar bem algumas vezes, mas como a força do mar o dobrava por não ter travessas pelo seu comprimento que lh'o impedisse, se tornou a tirar para se lhe pôrem umas tábuas, não sendo esta a ultima vez que se visitou o convés para se emendarem ou acrescentarem varias cousas que cada dia lembravam para a sua melhoria; vendo porém que os inventos não sáem perfeitos da primeira vez, o que só póde conseguir-se com experimentadas e trabalhosas emendas, projectou

o mesmo capitão tenente Matheus Pereira, seu inventor, fazer construir outro mais formal e sem os defeitos que tinha conhecido no primeiro. Principiou no dia 19 este utilissimo serviço, e tomando as medidas do leme proprio para a nau, fez servir a canna do dito para madre, e unindo a esta os necessarios toros de amarra abotoados, trincafiados e arrotados de cabos com bastantes travessões de grossas tábuas, que pregadas de uma parte sobre a dita madre e da outra sobre outro igual pau com pregadura grande, formaram uma porta alguma cousa mais larga do que a do proprio leme. Para na cabeça d'aquelle haver menos largura, á imitação dos outros ordinorios, se diminuiram os toros de amarra, principiando pelo de fóra cortado ao nivel do mar, e os mais á proporção da figura que elles têem.

Como o cadastre onde se havia de collocar o novo leme, formava uma linha curva e a madre estava em linha recta, foi preciso aproveitar outro milagre para acudir a esta difficuldade. Deixou o leme perdido todos os sete machos, que o seguravam nas femeas por se despregarem das abas, e houve n'aquella arrojada guarnição marinheiros que, mergulhando, conseguiram por baixo da agua tira-los das ditas femeas, amarrando-lhe cabos nas mesmas abas, em cuja manobra só dois se perderam, que cairam ao mar, salvando-se cinco, dos quaes se ajustaram tres na madre do novo leme e na mesma linha d'aquellas femeas que lhes correspondiam, enchendo o vão que era necessario para um saír mais fóra do que outro de madeira que se pregou na madre do mesmo leme, e cobrindo as abas dos ditos machos de panno, tudo bem arrotado de cabos. Alem do referido, se prenderam arridas para maior segurança, e as que serviam ao governo principiavam no leme em cor-

rentes de ferro para poderem resistir melhor ao roçar do casco da nau. Os paus que saíam fóra com os moitões já acima expressados, se mudaram para as janellas ou portinholas da bateria de convés, mas não íam estas arridas ter á roda como no primeiro, ellas puxavam em cima da tolda. A dita roda sim ajudava tambem o governo, porque a ella íam terminar dois cabos que, vindo por duas talhas presas á cabeça do leme, puxavam para uma e outra parte e o faziam estar firme na situação em que o punham, servindo ao mesmo tempo de o ajudar a mover.

Amanheceu o dia 23 de setembro mui sereno, o tempo claro sem nenhum indicio de se augmentar o vento que soprava brandamente do su-sueste. O mar plano e appetecivel para pôr em pratica o novo trabalho que só no futuro podia dar provas de ter sido proveitoso. Elle se havia findado no dia antecedente, e em cada um dos seguintes se encontravam novas difficuldades. Calar o leme no cadaste era uma das maiores, porque nenhuma lancha ou escaler tinha escapado da tormenta para ajudar de fóra da nau; mas havendo-se devido á Providencia divina o vencimento de tantos obstaculos, não faltaram para superar este alguns mergulhadores que executaram todo o trabalho preciso debaixo da agua, e assim antes do meio dia se achava concluida esta consideravel diligencia, tendo andado com o primeiro leme desde o dia da ruina mais de 130 leguas para o caminho, pois se achou neste dia a altura de 31° do norte na longitude de 344° de oeste.

Não deve ficar no esquecimento que em o dia da tormenta ficaram feridos (segundo a lista que d'elles deu o primeiro cirurgião da nau ao capitão de mar e guerra commandante) quarenta e dois homens, dos quaes o estavam vinte gravemente e um falleceu no

dia 24, alem de dois marinheiros e um grumete que foram ao mar com os mastros estando nos cestos das gaveas, assim como bastantes outros que se salvaram pelas cordas milagrosamente. Perderam-se n'aquelle infeliz dia vinte vélas, como já disse, mas fizeram-se dez de novo, que com cinco que ainda restavam de sobresalente, faziam o tal numero de quinze.

No dia 25 mandou dar o commandante a cada praça sómente meia ração, dando causa a isto temer não chegasse a agua pelo muito gasto que d'ella se fazia em cozinhar as rações inteiras. Ao pôr do sol do dia 26 deu parte o gageiro de avistar um navio em distancia que mal se divisava, e que demorava a les-sueste. Fazia-se bem appetecivel um similhante encontro para suavisar a mágua do destino incerto e perigoso que sempre esperavam os afflictos moradores d'aquella inconstante casa. Animados de esperanças, madrugaram no dia seguinte para ver o tal navio, que já se não pôde descobrir; porém na manhã do dia 28 appareceu a sotavento uma pequena corveta, que observando pôr-se a nau a caminho para a encontrar largou mais panno, e sem fazer caso de um tiro de peça e bandeira, fugiu com tanta pressa pela sua derrota, que ao meio dia já não se avistava.

Desde o perdimento dos mastros jogava a nau (ainda com pequeno mar e pouco vento) tão sensivelmente, que convieram os officiaes da marinha e guarnição em ser preciso reconduzir da bateria da coberta para o porão ao menos doze peças, que cada uma pesava mais de setenta e dois quintaes, com o justo receio de que tão enorme peso, movido por tão grandes balanços, seria capaz de fazer abrir agua, ultima desgraça que só restava, e com effeito se executou felizmente esta operação, ficando montadas cincoenta e duas das sessenta e quatro que d'antes ti-

nha a nau; porém não satisfeito ainda o acautelado discurso de tanta gente, entraram no dia 2 de outubro no trabalho de atracar a nau com quatro peias, obra que se acabou no mesmo dia.

A 5 do dito mez de outubro julgavam os pilotos terem passado o meridiano das ilhãs dos Açores, suppondo-se na longitude a oeste de 354° 39', e achando a latitude ao norte de quasi 36°, e se viu n'este dia passar uma tartaruga. A passagem d'este meridiano, que muito se desejava, augmentou mais a impaciencia da esperança de algum allivio, suppondo a cada instante que ao menos se descobriria alguma embarcação das muitas que por aquella carreira costumam navegar; e comtudo tendo-se vencido no dia 9, segundo a estimativa e observações dos pilotos, só a 12 se descobriu um navio a barlavento, que por este soprar fresco com mar levantado se não fez diligencia por fallar-lhe, e elle atravessando de longe pela proa da nau, cuidou sómente em correr para a sua navegação, que era a popa com as gaveas largas. N'este dia e no seguinte, cresceu muito o vento e o mar, e á mesma medida crescia o temor das consequencias experimentadas. No dia 15 se espalhou na nau uma voz de «terra», e confirmada esta pelos gageiros, pozeram os corações em restabelecimento. Cada um queria consolar-se em ver a terra, e a si mesmo, primeiro do que aos outros, dava os parabens de a estar vendo. Todos queriam acertar com o nome d'ella, uns diziam que era o cabo da Roca, outros o de Espichel. Os passaros, voando uns, outros nadando, eram objectos para a vista nunca desoccupados. A altura ajudava aquelle gostoso engano, porque era de 38° 7' do norte e a longitude suppunha-se a leste 8° 8'. Foi ultimamente marcada pela agulha a imaginada terra porque havia bastante nevoa, e para me-

lhor se reconhecer, se fez proa para perto d'ella. Findou-se o dia, não se viu e de noite se capeou. As idéas estavam a este tempo mui discordes e differentes, e quasi que a maior parte assentavam ser engano das nuvens, o que suppozeram terra, pois não tendo apparecido a primeira vez muito longe, nada se tinha descoberto com a navegação de um vento fresco em quasi todo o dia.

Ainda a manhã do dia 16 se contava pelo costume do seguimento d'elles, quando já o cuidado e o desejo formava de cada pessoa uma vigilante sentinella. Os gageiros nunca tão cedo se anteciparam na sua obrigação, mas a densa nevoa, que a pouca distancia permittia descobrir á vista, eclipsou a vontade do que desejavam. De repente se torna a gritar «*terra, terra, terra!*» Acodem todos, e uns por praticos e outros por conjecturas, pelas figuras e muitos signaes que a cada instante se descobriam nas nuvens, assentam que é o cabo da Roca. Um trazia já á lembrança que hontem tinha dito ser *terra* para verificar o seu conhecimento; outro affirmava que a pratica tem feito ser difficultoso elle enganar-se; outro que está bem lembrado de ver em aquelle logar a viagem passada o mesmo cardume de peixinhos que se viam saltar agora. Finalmente ainda os que não tinham visto terra similhante confirmavam a existencia d'ella n'aquelle logar, o qual parecia não estar longe. Antes que se tornasse a cobrir de nevoa a marcou o piloto e navegou para ella a todo o panno, mas correndo o mais que pôde todo o dia cheio de desconfiança e confundido de a não tornar a ver, caminhou tambem de noite com menos panno. Concorria muito para similhante engano supporem-se na longitude de 9° 3′ de leste, com a latitude de 38° 34′ de norte; mas na manhã seguinte se desengaram todos, porque

só viram mar e céu. Espalhou-se então em toda á nau um susurro implacavel de que a terra que tinham por duvida ter-se visto era alguma das ilhas dos Açôres; mas os pilotos, não consentindo de tôdo na ignorancia dos mais, navegavam de noite com bastante cautela.

No dia 19, em que celebra a egreja a festa de S. Pedro de Alcantara (protector da nau por ser um dos seus oragos) cresceu ao meio dia o vento oeste de tal fórma, que ás duas horas estava no auge de uma horrivel e furiosa tempestade, não só maior que as muitas que se tinham soffrido, mas ainda ameaçando mais ruina que a primeira, pois se se perdesse algum dos mastros não havia já outro pau com que se podesse supprir. Via-se no mar retratada a infeliz catastrophe do sacrificio de tantas vidas, quantas já quiz o seu impio valor, no dia 8 de setembro, submergir em suas ondas. O traquete de Nossa Senhora de Penha de França (e no qual se tinha escripto este titulo) era o unico panno que só podia resistir á violenta força de tanto vento. Elle servia á popa para a viagem; mas o leme que com as arridas se não podia mover prompta e necessariamente e que havia quebrar aquellas se laborassem com elle tanto quanto era preciso, obrigou a tomar uma resolução tão atrevida como util, mandando bracear á bolina, para mais segurança e immobilidade, pois sendo a redempção (aindaque incerta) das vidas que n'elle esperançavam, por isso se cuidava em não perde-lo, como libertador d'ellas. Finalmente se a nau conservasse os seus antigos mastros, seria este o dia da perda d'elles, e no estado em que se achava já não havia temor de desarvorar, mas de perder as vidas. As preces e deprecações a Deus eram as fortes vozes que mandavam á via. Um maritimo porém valoroso, animado do fer-

vor da sua devoção, chegou ao commandante a pedir-lhe licença para se prometter a Nossa Senhora da Bonança a véla grande, poisque só era o unico meio de escapar de tão feia tempestade; e convindo promptamente o dito commandante, se acclamou a promessa com grande alvoroço em toda a gente. Oh! que grande protecção e admiravel piedade da Mãe de Deus! De repente se conhece enfraquecer o vento e abaterem-se as ondas tão prodigiosamente, que ás cinco horas da mesma tarde se largou mais panno para proseguir a viagem.

A demora de se não tornar a ver terra fez desenganar de que ou as primeiras vistas d'ella foi arrumação de nuvens, que é o certo, ou alguma das ditas ilhas, como temia a desconfiança, porque sempre os desgraçados suspeitam o peior. Os pilotos tinham acabado a sua derrota, e sendo certas as suas observações estariam no dia 20 a leste do merediano da famosa Lisboa mais de 5°, esses motivos fizeram verosimil o dito engano, e por isso fazendo a nau igual caminho de noite como de dia, amanheceu no seguinte 21 de outubro defronte da Ericeira, vendo-se claramente a soberba obra de Mafra e talvez pouco mais de 2 leguas distante da costa. Fica ao discurso do leitor conceituar o jubilo, contentamento e prazer que receberam os infelizes navegantes d'esta desgraçada nau! A vista da terra fazia esquecer os successos lastimosos já passados, como se n'aquelle logar fossem impossiveis os perigos. Não tardou muito tempo conhece-los, pois faltando o vento se chegava a nau para os rochedos, em que se via o mar levantar espumas, de sorte que por não ir á costa mandou o commandante dar fundo a um ancorote. Pela tarde soprava o vento muito pouco, e querendo-se aproveitar d'esta viração o commandante mandou levar o fer-

ro, o que não se conseguiu por arrebentar o virador, e ficou o ancorote no fundo. Fez-se a nau á véla no bordo do mar, e para da villa da Ericeira saír algum piloto da barra que a conduzisse, fez signal com a bandeira colhida e dois tiros de peça; mas sem embargo que de noite continuou mais tiros, nenhuma novidade produziram.

O vento só tinha formado o engano para fazer mais uma perda, e logo que conseguiu o intento, tornou a acalmar. Segunda vez se deu fundo pelas oito horas da noite a um grande ferro com uma boa amarra, já perto da costa uma legua. Accenderam-se pharoes e se atiraram mais tres tiros, para de terra diligenciarem o prompto soccorro, no caso de continuar a infelicidade de lhe ser necessario, pois se o vento viesse do mar, era evidente o naufragio, que tantas vezes tinha ameaçado, só com a differença de ser agora á vista de muita gente, que de terra o estavam observando cheios de compaixão irremediavel. Permittiu Deus que se não experimentasse o perigo que prognosticava o susto, veiu sim vento, porém nem forte nem do mar, e com elle na manhã do dia 22 se levou ferro (no que se gastaram com grande trabalho pouco mais de tres horas), e largando as vélas, se fez um bordo para fóra, alcançando n'elle bastante vencimento, tanto para a distancia da terra como para a barra. As nove horas chegaram a bordo um barco da Ericeira e uma muleta, dos quaes saíram tres pilotos para o governo da entrada da barra.

Devendo o commandante mandar parte á côrte, ás pessoas a quem tocava, do estado da nau, para fazerem administrar o soccorro, se fosse preciso no ultimo perigo da passagem dos cachopos na entrada da barra, duvidou quem escolheria; mas todos por acclamação lhe pediam que rogasse ao ex.^mo^ general

Almeida quizesse aceitar esta diligencia, para melhor expor o miseravel estado e trabalhosa viagem da real nau. Valorosa e benignamente aceitou este fidalgo encarregar-se de uma commissão de tanto incommodo, pois estariamos mais de 10 leguas longe de Lisboa e veiu no pequeno barquinho que levou o piloto com mar crespo e vento fresco, deixando a todos sensivel saudade da sua estimavel companhia, merecendo tão grande conceito, que chegaram a dizer alguns temiam agora mais o dar á costa, pois talvez que pelas suas virtudes permittisse Deus que saîsse da nau para então succeder este ultimo destroço.

Antes das seis horas da noite virou a nau no bordo de terra, e vencendo o cabo da Roca, amanheceu entre os cachopos; mas ainda faltava mais este perigo, pois se viu obrigada a dar fundo, por vasar a maré. O soccorro da côrte não faltou. Na brevidade e grandeza bem mostrava a incomparavel actividade de quem o dirigiu; mas já não houve d'elle precisão, porque não devendo esperar os pilotos voltasse a maré de enchente, por não obrigar a virar depois a nau, que só o fazia bem de roda pela pouca altura dos mastros e pequenez do panno, attendendo a estreiteza e perigo do logar e não podendo levarse com a brevidade precisa, mandou o commandante picar a amarra, mas deixando-a com uma boia para se poder tirar; e largando as pequenas vélas, que podia levantar em tão pouca altura de mastreação, vencidos todos os perigos, salvou á fortaleza de S. Julião com sete tiros, que recebeu com tres, recebendo tambem a nau uma grande felicidade, de que já todos estavam de posse, o que dava motivo a serem as lagrimas as primeiras demonstrações do mais interno e inexplicavel prazer com que uns aos outros

se abraçavam e davam os parabens de terem resuscitado tantas vezes.

Ao entrar da barra chegou a bordo um escaler com ordem da Rainha nossa senhora, para poder desembarcar quando quizesse o conselheiro Mascarenhas e o seu fato, independente de outra alguma visita ou despacho. Aproveitou logo esta singular mercê, indo para terra no dito escaler, podia chamar ditosos a todos ós seus trabalhos, pela benignidade com que no dia seguinte lhe deu a beijar a sua real mão a nossa incomparavel Soberana, que Deus guarde. Todos se alegraram de ver segunda vez resuscitado um homem, que esteve dezoito annos sepultado vivo e mais de vinte desterrado da patria, e que soffreu todos os seus trabalhos com admiravel constancia, devendo agora este fidalgo aos seus amigos celebrarem muitos a sua restituição em prosa e versos, dos quaes juntarei no fim d'esta relação uma ode, que pela sua excellente harmonia bem se conhece ser de poeta consummado, e tão desprezador da vaïdade que escondeu o seu nome.

Continuando a nau a subir pelo Tejo, salvou á torre de Belem, e chegando finalmente defronte de Alcantara, deu fundo e completou a sua viagem, gastando n'ella 216 dias e da Bahia 157, em que entram 46 depois de destroçada, tendo desarvorado muitos centos de leguas longe d'este amado porto. Os pilotos findaram a sua derrota com mais 5.° 52′ a leste do meridiano de Lisboa. O povo d'esta opulenta cidade concorreu em grande numero de pequenas embarcações a ver a nau, admirando n'ella o lamentavel estrago, de que em nenhuma outra havia exemplo, e o valor, intelligencia e constancia com que trabalharam os officiaes e marinheiros para a apparelharem de novo, sendo ao mesmo tempo testemunhas

oculares do grande milagre que a Soberana protectora usou em beneficio dos seus devotos.

A obrigação com que fiel e obedientemente se devem satisfazer e inviolavelmente observar as leis dos soberanos distribuidas aos seus vassallos, fez com que se conservasse n'este dia toda a gente a bordo, esperando que os ministros e officiaes encarregados das diligencias do oiro e tabaco dessem satisfação aos seus empregos, o que ficando executado até o meio do dia 24, tendo-se tambem passado mostra á gente da marinha, tirado e guardado o panno das vergas, desembarcaram todos na praia de Santos, levando d'ella em procissão a vela grande e traquete. Não faltaram a achar-se no mesmo sitio o capitão general Almeida e o conselheiro Mascarenhas, acompanhando ambos estes fidalgos, descalços de pé e perna aos mais companheiros da viagem e da promessa; e carregando os marinheiros a véla grande, traquete e modelo da nau em meio de duas compridas alas, formadas da guarnição e tripulação da mesma, caminharam para a egreja de Santos, louvando em altas vozes ao Santissimo Sacramento. Entrando na dita igreja, offereceram a Nossa Senhora da Bonança a vela grande, levantando os dois capellães a ladainha da mesma Senhora diante d'aquella respeitavel imagem, a quem deram repetidos vivas em testemunho sincero do agradecimento com que internamente a louvavam.

Satisfeita esta justissima divida se tornaram a formar em procissão, caminhando para a muito distante igreja de Nossa Senhora da Penha de França, sendo muitas as lagrimas que faziam derramar aos moradores da côrte, vendo passar este devoto e compassivo espectaculo. Chegados á presença da Mãe de Deus, offereceram perante a sua imagem o traquete

e modelo da nau, em que propriamente se conhece a grandeza do milagre que em continuados favores experimentaram os agradecidos navegantes da mão divina omnipotente. Prostrados por terra, diante da Santissima Virgem, entoaram outra ladainha de louvores á mesma Senhora com internecidas vozes entreoccupadas de lagrimas de alegria, justificando com muitas vivas a mercê e benigno amparo com que promptamente os soccorreu a Soberana Rainha do universo e Mãe piissima dos peccadores, a quem como tal devemos pedir com coração contricto em todas as occasiões o seu magnanimo amparo e admiravel protecção, com inteira certeza e firme fé, de que os nossos clamores serão promptamente ouvidos, quando as intenções de guardar as santas leis sejam cumpridas conforme os dogmas da nossa santa religião.

FIM

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello

Moço fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, e seu conselheiro ultramarino, academico do numero da academia real da historia portugueza, da pontificia de Coimbra, da dos occultos de Lisboa, das reaes academias da historia, geographia e mathematica de Madrid, e Valhadolid, etc. etc. etc.

SENDO FELIZMENTE RESTITUIDO A ESTA CORTE
DO SEU PROLONGADO DESTERRO

Il attend une disgrace pour récompense: mais les temps n'étaient encore arrivés. Tout change; la tempête se calme; et Aristide, quoique juste, est rendu á la patrie.

M. THOMAS, *Elog. de M. d'Aguesseau.*

ODE

Não é o som das caixas dos tymbales,
Nem de fortes canhões o grão ruido,
Quem vos faz retumbar profundos valles,
Com echo nunca ouvido.
São clamores festivos de alegria,
Com que se applaude tão felice dia.

Acaso revolvida a lusa historia,
Monumento immortal em toda a idade,
Pretendem gratos renovar a gloria
Da antiga heroicidade,
Conduzindo em triumpho, quaes romanos,
As luas dos vencidos africanos ?

Ou prostrado o fatal esquecimento,
Da fama collocar sobre os altares,
Pretenderão com fausto luzimento,
Estatuas singulares
Aos famosos heroes, cujos alfanges
O Tigre respeitou, temeu o Ganges ?

Não se fatigue a debil phantasia :
O nome, o grande nome, já se entoa
Do *famoso Pacheco :* a monarchia
Alegre o apregoa
Cidadão immortal ; e não se esquece
Das corôas triumphaes, que lhe offerece.

Que pacificas vozes sobre a terra
Entoam os mortaes! tamanha gloria
Da vencedora Roma não encerra
A volumosa historia,
Nem os fastos da grega heroicidade
Numeram dia de maior saudade.

Longe de mim as torpes crueldades [1],
De que o vil despotismo se alimenta,
Os estragos, fataes enormidades,
Que o seu furor inventa!
Eu sigo a santa paz, ella me inspira
O canto, de que soa a minha lyra.

Tu, divina Calliope, firmada
Sobre os ligeiros zephiros, dilata
As azas immortaes; voa apressada,
E a noticia grata
Aos deuses leva no celeste assento,
E excita-os ao commum contentamento.

Os deuses soberanos informados,
Que de *Mello* a virtude se premeia,
Nunca mais liberaes, mais apressados,
Em breve farão cheia
Toda a face da vil misera terra
Dos grandes dons que o sacro Olympo encerra.

Nenhum foi mais placido e luzido [2],
Que este dia entre todos venturoso!
Feliz dia! do throno ennobrecido
Baixou o piedoso,
O justo real decreto: céu propicio!
Que favor para nós! que beneficio!

Parece que inda soa a meus ouvidos
O consternado misero lamento
Das musas: os seus ais enternecidos,
Suspiros cento a cento
Declaram no Parnaso, quão sensivel
Teu destino lhe foi, lhes foi terrivel!

1 Allude-se á prisão injusta de v. s.ª

2 O dia em que se lavrou o honrado decreto de soltura.